

UNIVERSO DO FUTEBOL

Discussões de Gênero no Futebol



UNIVERSO DO FUTEBOL

Discussões de Gênero no Futebol

Organizadores

Prof. Dr. Carlos Ferrari

Prof. Dr. Rafael Mocarzel

Vassouras, Rio de Janeiro

2024

© 2024 Universidade de Vassouras

Presidente da Fundação Educacional Severino Sombra (FUSVE)

Adm. Gustavo de Oliveira Amaral

Reitor da Universidade de Vassouras

Dr. Marco Antônio Soares de Souza

Pró -Reitor de Pesquisa e Inovação Tecnológica da Universidade de Vassouras

Dr. Carlos Eduardo Cardoso

Editora-Chefe das Revistas Online da Universidade de Vassouras

M. Sc. Lígia Marcondes Rodrigues dos Santos

Editora Executiva das Produções Técnicas

Dr. Paloma Martins Mendonça

Modo de acesso: <https://editora.univassouras.edu.br/index.php/PT/article/view/4730>

Un399 Universo do futebol: gênero no futebol/ Organizado por Carlos Eduardo Rafael de Andrade Ferrari, Rafael Carvalho da Silva Mocarzel. – Vassouras, RJ : Editora Universidade de Vassouras, 2024.
89 p.

Recurso eletrônico

Formato: E-book

ISBN:978-85-88187-85-6

1. Futebol. 2. Esporte. 3. Inclusão. 4. Exclusão. I. Ferrari, Carlos Eduardo Rafael de Andrade. II. Mocarzel, Rafael Carvalho da Silva. III. Universidade de Vassouras. IV. Título.

Sistema Gerador de Ficha Catalográfica On-line – Universidade de Vassouras

Todos os direitos reservados. É permitida reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para venda ou qualquer fim comercial. O texto é de responsabilidade de seus autores. As informações nele contidas, bem como opiniões emitidas, não representam pontos de vista da Universidade de Vassouras.

Súmarío

Homenagem.....	5
Agradecimentos	6
Prefácio	7
Apresentação.....	9
Desigualdades De Gênero E Raça Entre Os Treinadores Nas Copas Do Mundo De Futebol Masculina E Feminina	10
A Evolução Do Futebol Feminino No Rio De Janeiro: Uma Perspectiva Do Interesse Público	24
Cultura Futebolística Do Gênero Feminino E Os Preconceitos Para A Prática Do Esporte: Uma Revisão Bibliográfica	56
Futebol Feminino: Uma Paixão Nacional?	71

HOMENAGEM

Homenagem póstuma (in memoriam) a Renato Alvarenga.

No início de fevereiro de 2023 não só o Brasil, mas o mundo perdeu um grande nome da educação, da saúde e da educação física. Meu querido amigo e professor Renato Alvarenga retornou a Deus.

Eu tive a graça de ter convivido com esse cavaleiro de ouro da fisiologia e treinamento desportivo de renome internacional e posso afirmar que sua imensa competência só não era maior que sua humildade inigualável. Um homem MUITO simples, de fala mansa, humilde até demais, apaixonado pelo ensino e sempre disposto a ajudar!

Durante a pandemia aceitou fazer uma live comigo e falou abertamente que, ao estudarmos, todos nós deveríamos retomar os estudos sobre a filosofia mesmo que minimamente, pois é de lá que saem todas as ciências. Isso só demonstrou como ele era um profissional humilde e sensato, que não concordava com separatismos dentro da educação.

Perde o Mundo, ganham os Céus...

Morre um homem, nasce uma lenda...

Obrigado por tudo, eterno Mestre!

Rafael Mocarzel

AGRADECIMENTOS

Esta obra contou com ajuda de muitos profissionais que se esforçam para manter viva a chama da saúde e educação através do estudo e prática do esporte junto à população. A todos eles, agradecemos humildemente a nobre parceria.

Agradecemos ainda aos apoiadores internos da Universidade de Vassouras, mais especificamente aos respectivos Coordenadores do curso de Educação Física dos campi Vassouras, Maricá e Saquarema, Paulo Caminha, Sávio Luís Oliveira da Silva e Carlos Eduardo das Neves.

Não obstante, nossa gratidão à Coordenadora de Pesquisa e Extensão do campus Maricá Michele Teixeira Serdeiro sempre sendo motivadora e atenciosa, à Pró-Reitora de Saúde Denize Duarte Celento e ao Pró-Reitor de Pesquisa e Inovação Tecnológica Carlos Eduardo Cardoso e claro, à toda equipe da Editora da Universidade de Vassouras.

Por fim, agradecemos aos incentivos e apoios da Universidade de Vassouras para a produção desta pesquisa e organização e confecção desta obra acadêmica através do apoio em forma de projeto de pesquisa.

PREFÁCIO

É com grande satisfação que recebi o convite para fazer o prefácio dessa coletânea que fala da paixão nacional e suas dimensões.

Desde a sua criação, o futebol tem se tornado um espaço de lazer, de socialização, de gestão, de profissão, além de tantas outras vertentes, não deixando de ser um espaço profícuo de pesquisa. As obras aqui contempladas fazem uma “viagem” neste universo tão extenso.

Dentre os vários pontos abordados me chamou a atenção alguns tópicos, como a relação entre as capacidades condicionais e coordenativas no futsal que é essencial para entender a dinâmica desse esporte. Também é igualmente crucial compreender que o futebol e seus derivados como componente curricular nas escolas, tem sua relevância social transcendendo os limites das linhas que demarcam o campo de jogo. O futebol e suas derivações são espaços ricos em promover valores como trabalho em equipe, respeito e superação de desafios, tornando-se uma ferramenta educacional poderosa, e tudo isso podemos contemplar nesta coletânea.

Outro ponto que foi analisado na coleção descreve sobre as desigualdades de gênero e raça entre os treinadores na Copa do Mundo masculina e feminina, e nos confrontam com uma realidade preocupante, já que a representatividade do futebol é fundamental para inspirar futuras gerações.

Me chamou também a atenção o artigo sobre a Copa do Mundo de 2022, realizada no Catar, que foi marcada por polêmicas que ecoaram por todo o mundo. Desde questões relacionadas aos direitos humanos até preocupações com o clima, sustentabilidade e corrupção, este torneio se tornou uma plataforma para debates sobre essas variedades de questões globais. Argumentar sobre essas polêmicas é essencial para promover mudanças significativas no cenário esportivo internacional.

No contexto escolar, a educação física desempenha um papel fundamental na formação dos alunos, seja através da prática esportiva ou do desenvolvimento de habilidades motoras e cognitivas. A docência nessa área demanda um constante aprendizado e reflexão sobre as práticas pedagógicas, visando uma educação inclusiva e de qualidade para todos os estudantes.

A discussão do futebol para pessoas com deficiência visual, evidenciou a importância desse esporte para aqueles que tinham pouco espaço nessa modalidade, o artigo ora apresentado, faz com qualidade um resgate histórico desta modalidade que oportunizou os deficientes visuais na prática do tão amado futebol dando um passo crucial rumo à inclusão e à igualdade de oportunidades no cenário esportivo.

Cada um dos artigos aborda aspectos importantes e relevantes sobre o futebol e suas diversas dimensões. Reconheço a qualidade do trabalho apresentado e recomendo a leitura para aqueles que se interessam pelo esporte, seja como praticantes, espectadores ou estudiosos.

A diversidade de temas abordados certamente enriquece o conhecimento e promove reflexões essenciais sobre o papel do futebol na sociedade e em nossas vidas.

Prof. Dr. Rogério Melo
Presidente do Conselho Regional de Educação Física da 1ª Região

APRESENTAÇÃO

Apresento, com um enorme sentimento de satisfação, a coletânea “Universo do Futebol”, dado que organizar uma obra desta natureza, num país como o Brasil, com duzentos e três milhões de potenciais treinadores, é um desafio no que tange o paradoxo: ciência versus senso comum. Assim, como o título da obra sugestiona, a coletânea é composta por seis livros organizados, contemplando a imaginação epistemológica de pesquisadores brasileiros, portugueses e estadunidenses.

Temas como os Aspectos biológicos no futebol, Futebol na escola, Discussões de gênero no futebol, Ciências humanas e futebol, Nutrição e futebol, tal e qual a abordagem do Futebol e suas variações ao redor do mundo, engendram o mote da obra em relevo. Portanto, cada um a seu modo e dentro de suas perspectivas, procuram apresentar o Futebol, como fenômeno social múltiplo e polissêmico, acarretando numa viagem teórico-científica, que tenciona oferecer ao leitor uma visão mais rigorosa do esporte mais popular do mundo.

Desta forma, o conjunto de obras, numa compreensão inovadora, sustentável, foi publicada em formato ebook, disponibilizada gratuitamente para o público leitor graças à confiança e portas abertas da Universidade de Vassouras, instituição mantida pela Fundação Educacional Severino Sombra (FUSVE). Nesse nexos, o suporte em formato de incentivos via projeto de pesquisa, na pessoa do Magnífico Reitor, deve ser exaltado, pois o fomento proporcionou uma tranquilidade financeira não comum no meio acadêmico hodierno. Gratidão eterna!

Carlos Ferrari

DESIGUALDADES DE GÊNERO E RAÇA ENTRE OS TREINADORES NAS COPAS DO MUNDO DE FUTEBOL MASCULINA E FEMININA

Edimilson Lyra de Souza
Leonardo Cardoso Corrêa
Alexandre Palma

Introdução

A desigualdade de oportunidades no futebol advindas de discriminações de gênero e raça são fatos na atualidade, mas sua origem vem de muito tempo atrás. Essas questões de sexo/gênero e raça não são particularidades brasileiras, sendo um traço cultural negativo em muitas sociedades.

Em termos financeiros tem sido demonstrado que homens auferem maiores salários do que as mulheres, assim como pessoas brancas, em geral, recebem mais que pessoas negras, de acordo com o estudo do IBGE (BRASIL, 2019). Esse tipo de desequilíbrio também parece ocorrer no futebol. Apesar de ser um esporte das grandes massas populares e ter um grande número de atletas negros e advindos das periferias, o domínio econômico/financeiro se dá predominantemente pela sociedade branca e masculina.

Infelizmente os estudos que abordam esses temas, das discriminações de sexo/gênero e raça no futebol, particularmente no futebol brasileiro, não são volumosos. Isso também talvez esteja associado ao fato de existirem poucos registros históricos – jornais, revistas, livros, sobre a participação das mulheres e dos afrodescendentes nesse esporte.

É possível considerar que a participação feminina no esporte em geral e, especialmente, no futebol, foi de sobremaneira defasada se comparadas ao espaço e/ou o desenvolvimento esportivo de atletas, profissionais ou amadores, do sexo masculino. Vale ressaltar que parte desse atraso se deve única e exclusivamente a questões político-moralistas, outorgadas por decisões governamentais, disfarçando assim preconceitos e proibições sexistas (TORGA; SANTOS; MOURÃO, 2020).

O esporte, em particular, tornou-se durante mais de um século, o lugar de disputas intensas sobre o que pode/deve fazer um “corpo masculino” ou um “corpo feminino”. [...] Implicava em fortes controles sobre os corpos das mulheres – sua sexualidade, sua liberdade de movimento, e seu uso do espaço urbano no qual o esporte e as atividades físicas tornavam-se uma forma de lazer cada vez mais visível (ADELMAN, 2006, p. 11).

Um dos maiores golpes sofridos pelas mulheres durante o regime militar, por exemplo,

foi a promulgação, do Decreto-Lei n. 3.199/41, que estabelecia as bases de organização dos desportos em todo o país (BRASIL, 2022). O artigo 54 do referido Decreto-Lei instituía que “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país”. A noção do que seria compatível ou não com as condições da natureza da mulher difundiu uma ideia amparada em uma premissa biológica extremamente frágil e contestável, mesmo à época, mas que, de fato, esteve fundamentada em posições machistas e sexistas.

Segundo Gomes, “as estruturas das instituições esportivas brasileiras contribuíram para a violência simbólica da divisão hierárquica do trabalho entre os gêneros, no campo da gestão do esporte” (GOMES, 2006 apud TORGA; SANTOS; MOURÃO, 2018, p. 4).

Leite de Castro, Chefe do Departamento Médico da Liga de Futebol da cidade do Rio de Janeiro, então capital do Brasil em 1940, defendia essa representação ao proferir que o futebol “praticado por mulheres só pode ser aplaudido como exibição grotesca ou teatral ao sabor da curiosidade popular, ávida [sic] de novidades ou originalidades”. O fato de considerá-lo “um espetáculo ridículo e digno de merecer atenções das nossas autoridades” favoreceu a emergência de discursos e práticas que o consideravam abjeto e nefasto para as mulheres. (CASTRO, 1940 apud GOELLNER, 2021, p. 2).

A utilização do conceito de raça para classificar negativamente certas etnias humanas foi um processo, em si, racista e talvez seja precursor do conceito de racismo atual. Nas palavras de Almeida, “o racismo fornece o sentido, a lógica e a tecnologia para a reprodução das formas de desigualdade e violência que moldam a vida social contemporânea” (ALMEIDA, 2019, p. 13).

A inexistência de determinação biológica, cultural, religiosa ou étnica que justifique essa classificação tem sido veementemente repudiada por inúmeros cientistas sociais, os quais consideram que a noção de “raça” é um elemento fundamentalmente político, sem qualquer sentido fora do domínio socioantropológico e utilizado para naturalizar as opressões e desigualdades estabelecidas, além de legitimar a segregação entre diferentes grupos sociais (ALMEIDA, 2019).

Dentro desta perspectiva, Silva e Paula constataram:

[...] que os negros encontram espaços de trabalho quando são atletas, mas que sua participação é mínima como árbitros, treinadores ou gestores. [...] Ex-atletas de futebol costumam seguir carreiras dentro dos clubes de futebol, seja como executivo, treinador, comissão técnica, dentre outros. Porém, no cenário dos grandes clubes brasileiros se observa que existe poucos negros nesses cargos. (SILVA; PAULA, 2020, p. 1).

Assim sendo, o objetivo do presente estudo é verificar e analisar as desigualdades de sexo/gênero e raça/ cor de pele dos treinadores nas Copas do Mundo de Futebol nos anos de 2018 e 2022, do sexo masculino, e 2019 e 2023, do feminino.

Método

Para elaboração deste estudo utilizamos os dados fornecidos pela Federação Internacional de Futebol – FIFA, através do seu periódico, O livro da Copa do Mundo, edição que acompanha todas as copas, sejam masculinas ou femininas. Para este trabalho os livros utilizados foram FIFA World Cup Book 2018, 2019, 2022 e 2023, sendo os de 2018 e 2022 referentes às edições masculinas e os de 2019 e 2023 referentes às edições femininas. A amostra foi constituída pelos treinadores(as) das seleções masculina – de 2018 e 2022, e feminina – de 2019 e 2023, das Copas do Mundo de Futebol.

Inicialmente realizamos o levantamento da quantidade de seleções participantes das quatro Copas, separadamente. Em seguida procuramos identificar a raça (cor da pele) e o sexo/ gênero dos(as) treinadores(as) de cada seleção através da observação das imagens públicas desses treinadores. Para determinação e análise dos dados relativos à raça, utilizamos os critérios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, e as orientações da cartilha “Como e para que perguntar a cor ou raça/etnia no Sistema Único de Saúde?”, organizada por Dias et al. (2009), que sugerem a utilização da autodeclaração ou autoidentificação para nortear as definições de raça e sexo/ gênero.

Consideramos essa amostra como representativa da população de técnicos de futebol do mundo de altíssimo rendimento, uma vez que técnicos de seleções mundiais são profissionais consagrados.

Apresentação dos resultados

Nas Copas do Mundo de Futebol masculina de 2018 e 2022 houve a participação de 32 seleções, todas chefiadas por treinadores homens. Na Copa do Mundo de Futebol feminina de 2019 houve a participação de 24 seleções, enquanto na Copa de 2023 participaram 32 seleções. Os resultados referentes às distribuições dos treinadores(as) em razão do sexo/ gênero são apresentados na Tabela 1.

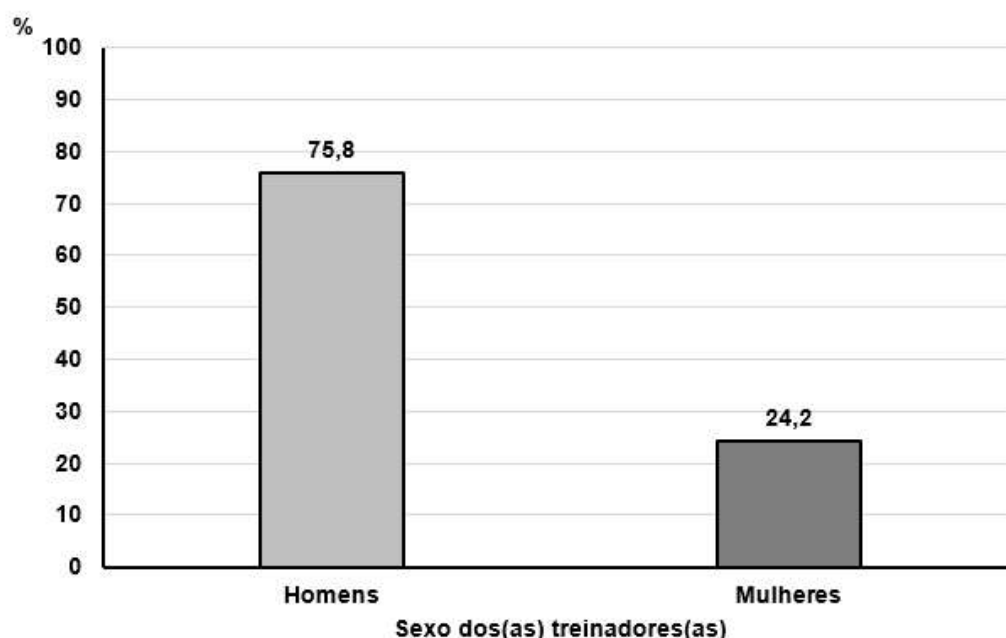
Tabela 1. Distribuição dos treinadores(as) de futebol das Copas do Mundo de Futebol masculina e feminina, em razão do sexo/gênero.

Sexo	Copas de Mundo de Futebol							
	Masculina (2018)		Feminina (2019)		Masculina (2022)		Feminina (2023)	
	n	%	n	%	n	%	n	%
Homens	32	100	16	66,7	32	100	19	59,4
Mulheres	0	0	8	33,3	0	0	13	40,6
Total	32		24		32		32	

Verificamos que há relevante diferença entre as distribuições de sexo/ gênero tanto na Copa do Mundo masculina quanto na feminina. Enquanto que entre as equipes masculinas só se observam treinadores do sexo masculino, na competição feminina se verificam treinadores(as) masculinos e femininos. Por outro lado, verificou-se um aumento dos valores absolutos e relativos de treinadoras entre as duas últimas Copas femininas, o que se configura como um certo avanço.

É preciso ressaltar, contudo, que, considerando o conjunto de todos(as) treinadores(as) investigados(as), a maioria absoluta é de pessoas do sexo masculino ($n= 91$), enquanto há poucas do sexo feminino ($n= 29$), ou seja, em torno de um quarto do quantitativo total (Figura 1).

Figura 1. Distribuição percentual do conjunto total de treinadores(as), em razão do sexo



Apesar de seguir orientações consagradas como as do IBGE, podemos afirmar que a determinação de raça dos treinadores e treinadoras das quatro Copas do Mundo de Futebol seguiu um caráter subjetivo, uma vez que não foi elaborada por meio das autodeclarações de raça dessas pessoas, mas de nossas próprias avaliações.

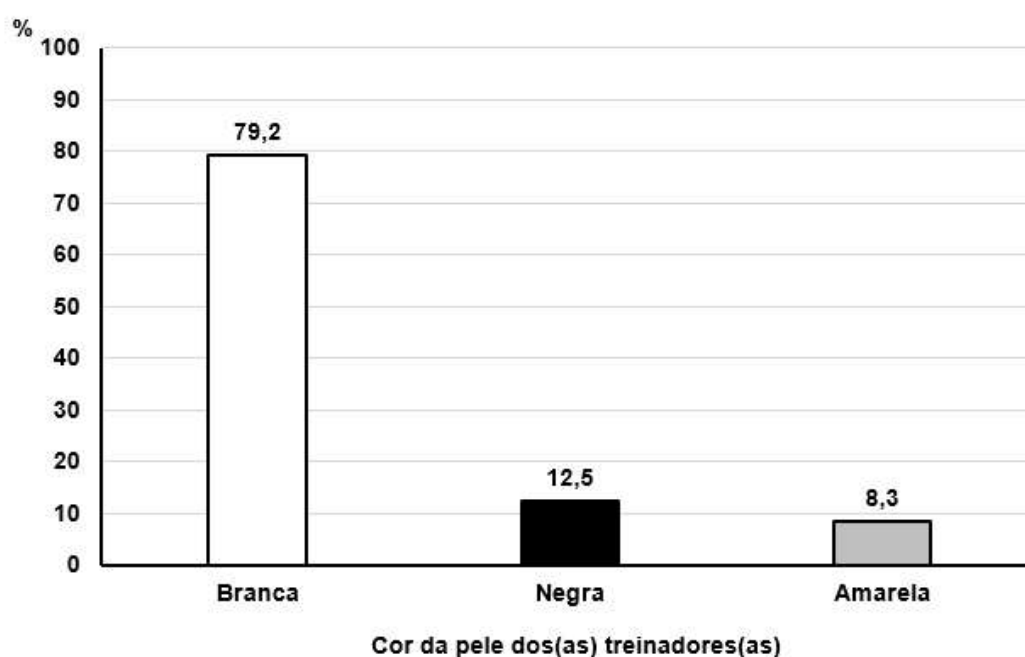
Considerando o total de 120 seleções participantes das Copas de Mundo de Futebol de 2018, 2019, 2022 e 2023, observamos uma grande maioria de treinadores de cor de pele branca, como mostra a Tabela 2. Ainda que, entre as competições masculinas tenha havido um pequeno aumento de treinadores negros, entre as competições femininas houve um crescimento de treinadores(as) de pele branca.

Tabela 2. Distribuição dos treinadores(as) em razão da raça (cor da pele).

Cor de pele	Copas de Mundo de Futebol							
	Masculina (2018)		Feminina (2019)		Masculina (2022)		Feminina (2023)	
	n	%	n	%	n	%	n	%
Branca	27	84,4	16	66,6	27	84,4	25	78,1
Negra	3	9,4	4	16,7	4	12,5	4	12,5
Amarela	2	6,2	4	16,7	1	3,1	3	9,4
Total	32		24		32		32	

Legenda: Negro inclui pretos e pardos.

Considerando a totalidade dos(as) treinadores(as), verifica-se um quantitativo bastante elevado de pessoas de pele branca (Figura 2).

Figura 2. Distribuição percentual do conjunto total de treinadores(as), em razão da cor da pele

Tais dados confirmaram a existência de uma significativa diferença na representatividade de sexo/gênero e raça (cor de pele) quando analisamos as últimas Copas do Mundo de Futebol masculinas e femininas.

As relações de treinadores(as), com os dados de sexo, cor de pele e outros, podem ser observadas nos Quadros 1, 2, 3 e 4.

Quadro 1. Relação de treinadores da Copa do Mundo de Futebol masculina de 2018.

Seleção	Treinador	Sexo	Nacionalidade	Cor
Alemanha	Joachim Löw	Masculino	Alemão	Branca
Arabia Saudita	Juan Antonio Pizzi	Masculino	Argentino	Branca
Argentina	Jorge Sampaoli	Masculino	Argentino	Branca
Austrália	Bert van Marwijk	Masculino	Holandês	Branca
Bélgica	Roberto Martínez	Masculino	Espanhol	Parda
Brasil	Adenor Tite	Masculino	Brasileiro	Branca
Colômbia	José Pékerman	Masculino	Argentino	Branca
Costa Rica	Óscar Ramírez	Masculino	Costa Riquenho	Branca
Croácia	ZlatkoDalić	Masculino	Iugoslavo	Parda
Dinamarca	ÅgeHareide	Masculino	Norueguês	Branca
Egito	Héctor Cúper	Masculino	Argentino	Branca
Espanha	Fernando Hierro	Masculino	Espanhol	Branca
França	Didier Deschamps	Masculino	Francês	Branca
Inglaterra	Gareth Southgate	Masculino	Inglês	Branca
Iran	Carlos Queiroz	Masculino	Português	Branca
Islândia	HeimirHallgrímsson	Masculino	Islandês	Branca
Japão	Akira Nishino	Masculino	Japonês	Amarela
Coreia do Sul	Shin Tae-yong	Masculino	Sul Coreano	Amarela
Marrocos	Hervé Renard	Masculino	Francês	Branca
México	Juan Carlos Osorio	Masculino	Colombiano	Branca
Nigéria	GernotRohr	Masculino	Alemão	Branca
Panamá	Hernán Darío Gómez	Masculino	Colombiano	Branca
Peru	Ricardo Gareca	Masculino	Argentino	Branca
Polônia	Adam Nawalka	Masculino	Polonês	Branca
Portugal	Fernando Santos	Masculino	Português	Branca
Rússia	Stanislav Cherchesov	Masculino	Russo	Branca
Senegal	Aliou Cissé	Masculino	Senegalês	Preta
Sérvia	Mladen Krstajić	Masculino	Iugoslavo	Branca
Suécia	Janne Andersson	Masculino	Sueco	Branca
Suíça	Vladimir Petković	Masculino	Iugoslavo	Branca
Tunísia	Nabil Maâloul	Masculino	Tunisiano	Branca
Uruguai	Óscar Tabárez	Masculino	Uruguaio	Branca

Quadro 2. Relação de treinadores(as) da Copa do Mundo de Futebol feminina de 2019.

Seleção	Treinador	Sexo	Nacionalidade	Cor
África do Sul	Desiree Ellis	Feminino	Sul Africano	Preta
Alemanha	Martina Voss-Tecklenburg	Feminino	Alemã	Branca
Argentina	Carlos Borrello	Masculino	Argentino	Branca
Austrália	Ante Milicic	Masculino	Australiano	Branca
Brasil	Oswaldo Fumeiro Alvarez	Masculino	Brasileiro	Branca
Camarões	Alain Djeumfa	Masculino	Camaronês	Preta
Canadá	Kenneth Heiner-Møller	Masculino	Dinamarquês	Branca
Chile	José Letelier	Masculino	Chileno	Parda
China PR	Jia Xiuquan	Masculino	Chinês	Amarela
Escócia	Shelley Kerr	Feminino	Escocês	Branca
Espanha	Jorge Vilda	Masculino	Espanhol	Branca
EUA	Jill Ellis	Feminino	Inglesa	Branca
France	Corinne Diacre	Feminino	Francês	Branca
Holanda	Sarina Wiegman	Feminino	Holandesa	Branca
Inglaterra	Phil Neville	Masculino	Inglês	Branca
Itália	Milena Bertolini	Feminino	Italiana	Branca
Jamaica	Hue Menzies	Masculino	Inglês	Preta
Japão	Asako Takakura	Feminino	Japonês	Amarela
Coreia do Sul	Yoon Deok-yeo	Masculino	Coreano	Amarela
Nigéria	Thomas Dennerby	Masculino	Sueco	Branca
Noruega	Martin Sjögren	Masculino	Sueco	Branca
Nova Zelândia	Tom Sermanni	Masculino	Escocês	Branca
Suécia	Peter Gerhardsson	Masculino	Sueco	Branca
Tailândia	Nuengrutai Srathongvian	Masculino	Tailandês	Amarela

Quadro 3. Relação de treinadores da Copa do Mundo de Futebol masculina de 2022.

Seleção	Treinador	Sexo	Nacionalidade	Cor
Alemanha	Hansi Flick	Masculino	Alemão	Branca
Arabia Saudita	Hervé Renard	Masculino	Francês	Branca
Argentina	Lionel Scaloni	Masculino	Argentino	Branca
Australia	Graham Arnold	Masculino	Australiano	Branca
Bélgica	Roberto Martínez	Masculino	Espanhol	Parda
Brasil	Tite	Masculino	Brasileiro	Branca

DISCUSSÕES DE GÊNERO NO FUTEBOL

Seleção	Treinador	Sexo	Nacionalidade	Cor
Camarões	Rigobert Song	Masculino	Camaronês	Preta
Canadá	John Herdman	Masculino	Inglês	Branca
Costa Rica	Luis Fernando Suárez	Masculino	Colombiano	Branca
Croácia	SlatkoDalic	Masculino	Bósnio	Branca
Dinamarca	Kasper Hjulmand	Masculino	Dinamarquês	Branca
Equador	Gustavo Alfaro	Masculino	Argentino	Branca
Espanha	Luis Enrique	Masculino	Espanhol	Branca
EUA	Gregg Berhalter	Masculino	Americano	Branca
França	Didier Deschamps	Masculino	Francês	Branca
Gana	Otto Addo	Masculino	Alemão	Preta
Holanda	Louis van Gaal	Masculino	Holandês	Branca
Inglaterra	Gareth Southgate	Masculino	Inglês	Branca
Iran	Carlos Queiroz	Masculino	Português	Branca
Japão	HajimeMoriyasu	Masculino	Japonês	Amarela
Coreia do Sul	Paulo Bento	Masculino	Português	Branca
Marrocos	Walid Regragui	Masculino	Francês	Branca
México	Gerardo Martino	Masculino	Argentino	Branca
País de Gales	Rob Page	Masculino	Inglês	Branca
Polônia	Czeslaw Michniewicz	Masculino	Bielorrusso	Branca
Portugal	Fernando Santos	Masculino	Português	Branca
Qatar	Félix Sánchez	Masculino	Espanhol	Branca
Senegal	Aliou Cissé	Masculino	Senegalês	Preta
Sérvia	Dragan Stojkovic	Masculino	Sérvio	Branca
Suíça	Murat Yakin	Masculino	Suíço	Branca
Tunísia	JalelKadri	Masculino	Tunisiano	Branca
Uruguai	Diego Alonso	Masculino	Uruguaio	Branca

Quadro 4. Relação de treinadores(as) da Copa do Mundo de Futebol feminina de 2023.

Seleção	Treinador	Sexo	Nacionalidade	Cor
África do Sul	Desiree Ellis	Feminino	Sul Africano	Preta
Alemanha	Martina Voss-Tecklenburg	Feminino	Alemã	Branca
Argentina	Germán Portanova	Masculino	Argentino	Branca
Austrália	Tony Gustavsson	Masculino	Sueco	Branca
Brasil	Pia Sundhage	Feminino	Sueca	Branca
Canada	BevPriestman	Feminino	Inglesa	Branca
China	ShuiQingxia	Feminino	Chinesa	Amarela

Seleção	Treinador	Sexo	Nacionalidade	Cor
Colômbia	Nelson Abadía	Masculino	Colombiano	Branca
Costa Rica	Amelia Valverde	Feminino	Costa-riquenha	Branca
Dinamarca	Lars Sondergaard	Masculino	Dinamarquês	Branca
Espanha	Jorge Vilda	Masculino	Espanhol	Branca
EUA	Vlatko Andonovski	Masculino	Macedônio	Branca
Filipinas	Alen Stajcic	Masculino	Australiano	Branca
França	Hervé Renard	Masculino	Francês	Branca
Haiti	Nicolas Delépine	Masculino	Francês	Branca
Holanda	Andries Jonker	Masculino	Holandês	Branca
Inglaterra	Sarina Wiegman	Feminino	Holandesa	Branca
Irlanda	Vera Pauw	Feminino	Holandesa	Branca
Itália	Milena Bertolini	Feminino	Italiana	Branca
Jamaica	Lorne Donaldson	Masculino	Jamaicano	Preta
Japão	Futoshi Ikeda	Masculino	Japonês	Amarela
Coreia do Sul	Colin Bell	Masculino	Inglês	Branca
Marrocos	Reynald Pedros	Masculino	Francês	Branca
Nigéria	Randy Waldrum	Masculino	Norte Americano	Branca
Noruega	Hege Riise	Feminino	Norueguesa	Branca
Nova Zelândia	Jitka Klimková	Feminino	Tcheca	Branca
Panamá	Ignacio Quintana	Masculino	Panamenho	Parda
Portugal	Francisco Neto	Masculino	Português	Branca
Suécia	Peter Gerhardsson	Masculino	Sueco	Branca
Suíça	Inka Grings	Feminino	Alemã	Branca
Vietnã	Mai Duc Chung	Feminino	Vietnamita	Amarela
Zâmbia	Bruce Mwape	Masculino	Zambiano	Preta

Por fim, cabe destacar, ainda, que o número de pessoas brancas é importantemente mais elevado nas Copas do Mundo de Futebol masculino, na qual a relevância esportiva e o poderio econômico envolvido são muito mais pronunciados. E mais, entre todas/os treinadoras/os há somente uma mulher preta, com participação em duas Copas do Mundo de Futebol femininas.

Discussão

A análise dos dados levantados nos permite uma série de reflexões a respeito do desequilíbrio de oportunidades profissionais no futebol de alto rendimento, que são ofertadas aos indivíduos de diferentes gêneros e raças. Os resultados apresentados neste estudo e os autores que se propõem a tratar do tema, nos permitem afirmar que são homens brancos quem há muito tempo definem as regras de distribuição de oportunidades profissionais, não somente

no futebol, mas em toda a sociedade (TORGA; SANTOS; MOURÃO, 2018).

Os movimentos históricos de contestação desse quadro de dominação conseguiram levar essa discussão para toda a sociedade, mas ainda não se pode afirmar que houve algum resultado concreto, com uma mudança satisfatória. O movimento feminista, com início na década de 1970, e os movimentos antirracistas ao longo do último século, vêm buscando dar espaço e visibilidade às causas femininas e negras. Ao tratarmos de tais questões sobre o prisma esportivo, e especificamente no futebol, algumas mudanças e transformações vêm ocorrendo de forma lenta, ainda que possa ter tido alguma evolução (ADELMAN, 2006; TORGA; SANTOS; MOURÃO, 2018; GOELLNER, 2021).

A análise dos resultados obtidos não trouxe grande surpresa ao constatarmos que as Copas do Mundo de Futebol masculinas de 2018 e 2022 não tiveram nenhuma treinadora do sexo/gênero feminino, e considerando a totalidade dos(as) treinadores(as) das quatro Copas do Mundo de Futebol investigadas, masculina de 2018 e 2022 e feminina de 2019 e 2023, notamos que a grande maioria (79,2%) dos(as) treinadores(as) é de cor de pele branca.

Há muitos anos atrás, o Brasil era considerado o país do futebol. Dono da maior quantidade de títulos mundiais, berço de craques mundialmente conhecidos, maior exportador de talentos desde que o futebol se tornou global. A maioria dos principais jogadores brasileiros é negra. Aquele que é considerado rei, o Rei Pelé, é negro. No entanto, nenhum treinador da seleção brasileira, até hoje, foi negro (GREGÓRIO; MELO, 2015; SILVA; PAULA, 2020; FARIAS et al., 2020).

Após a aposentadoria nos gramados dos jogadores profissionais de futebol, é comum a continuação dentro do esporte exercendo outras profissões, como por exemplo, técnico de futebol. Vamos supor, de forma simplificada, que só existissem jogadores brasileiros profissionais brancos e negros, e que a distribuição por raça dessa totalidade de jogadores fosse equilibrada. Considerando a continuação da carreira como técnico como sendo comum, seria de se esperar também uma quantidade equilibrada entre técnicos negros e brancos. Mas não é o que ocorre de fato, e isso fica comprovado numa rápida observação da distribuição de raça entre os técnicos das quatro Copas do Mundo de Futebol referidas nesse estudo (GREGÓRIO; MELO, 2015; SILVA; PAULA, 2020; FARIAS et al, 2020).

Silvio Almeida (2019) apresenta uma questão bastante interessante: “a supremacia branca no controle institucional é realmente um problema, na medida em que a ausência de pessoas não brancas em espaços de poder e prestígio é um sintoma de uma sociedade desigual e, particularmente, racista”. Assim, lembra o autor, é primordial, no combate ao racismo, que pessoas negras estejam representadas nos espaços de poder, muito embora, isto deva ocorrer em concordância com o compromisso de criação de mecanismos efetivos de promoção da igualdade. Como anteriormente mencionado, em que pese o elevado número de atletas negros no futebol, os espaços de poder, como treinadores e dirigentes parecem não ser ocupados por essas pessoas. Almeida (2019) complementa que o racismo, portanto, é decorrente da própria estrutura socialmente construída, de tal forma que o racismo se estabelece como uma

condição de “normalidade” daquela sociedade e, não, como uma patologia social, no caso de uma concepção individualizada do racismo, nem tampouco, de um desarranjo institucional, como se acredita no caso da concepção institucional do racismo.

No ponto de vista feminino, algumas mudanças foram impactantes, mas ainda assim não foram sanadas as diferenças estabelecidas ao longo dos anos. Um grande exemplo de tal fato é a atleta Marta Vieira da Silva, conhecida com Marta, a rainha do futebol. Marta conquistou a marca impressionante de dezoito títulos na carreira, sendo cinco pela seleção, além de competições como campeonatos brasileiros e Libertadores, Marta, também ganhou títulos em outras competições nacionais e internacionais. Feitos incríveis, mas que nunca foram acompanhados pelos valores que seriam recebidos se ela fosse homem. Tais questões foram centrais em inúmeros debates sobre a diferença de remuneração entre mulheres e homens, e principalmente entre brancos e pretos. Porém, no final dos anos de 2019, instituições esportivas pelo mundo já se comprometeram em igualar as premiações e pagamentos entre gêneros nas suas seleções, um passo importante, mas ainda assim, não decisivo e não posto em prática até o presente momento (GOELLNER, 2021; TORGA; SANTOS; MOURÃO, 2020).

Em estudo cujo o objetivo foi analisar o envolvimento das mulheres em funções da comissão técnica e de arbitragem em campeonatos brasileiros de futebol feminino entre 2013 e 2019, Passero et al. (2020) observaram que aproximadamente 86% dos componentes da comissão técnica era de homens, valores bem superiores aos encontrados no presente estudo, o que pode denotar algum avanço contra o sexismo e machismo no futebol.

Por fim, é necessário entender ainda, como destacam Paiva et al. (2021), que as interseções de gênero e raça podem elevar ainda mais as opressões. Notamos, por exemplo, que ser mulher e negra se constitui em uma dificuldade ainda maior para se tornar treinadora de uma equipe nacional em competição de elevado rendimento esportivo.

Conclusões

Concluímos que já se passaram quase oito décadas desde que se decidiu proibir as mulheres de praticar futebol aqui no Brasil, e há mais de quarenta anos que essa proibição não é mais vigente. Pelo que se observou, a participação feminina no comando das seleções parece estar aumentando. No entanto, podemos afirmar que ainda há muito que se fazer em termos de disponibilização de oportunidades para mulheres no futebol, faltando não só oportunidades, mas visibilidade e reconhecimento (GOELLNER, 2021).

Por outro lado, entendemos que o caso dos negros é ainda mais grave. Em que pese a grande participação de negros como atletas de futebol, os postos de liderança ainda são muito pouco ocupados por negros, o que pode configurar um caso de racismo estrutural.

Esse estudo nos permitiu perceber ainda que as pesquisas sobre discriminação de gênero e racismo no esporte, e mais especificamente no futebol, estão mais direcionadas à participação ou às opressões de torcedores ou de outros participantes. Pouco ainda tem sido produzido

sobre o envolvimento em cargos de liderança, notadamente, em postos ligados ao alto rendimento, os quais trazem consigo espaços de poder e implicam elevados montantes financeiros. Assim, é preciso mais investigações sobre tal aspecto.

Referências

ADELMAN, Miriam. **Mulheres no Esporte: Corporalidades e Subjetividades**. Revista Movimento. Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 11-29, 2006.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo. Pólen Livros, 2019.

BRASIL. DECRETO-LEI Nº 3.199, de 14 de abril de 1941. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html> Acesso em 06/10/22.

BRASIL. **Desigualdades Sociais por Cor ou Raça no Brasil**. IBGE. 2019. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101681_informativo.pdf

DIAS, Jussara; GIOVANETTI, Márcia R.; SANTOS, Naila J. Seabra. **Como e para que perguntar a cor ou raça/etnia no sistema único de saúde?** Secretaria de Estado da Saúde de S. Paulo. S. Paulo, 2009

FARIAS, Lennon Giulio Santos de; NEPOMUCENO, Léo Barbosa; SANCHEZ NETO, Luiz; SILVA, Eduardo Vinícius Mota e. **A institucionalização do racismo contra negros(as) e as injúrias raciais no esporte profissional: o contexto internacional**. Revista Movimento, Porto Alegre, v. 26, e26074, 2020.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulheres e futebol no brasil: descontinuidades, resistências e resiliências**. Revista Movimento. Porto Alegre, v. 27, e27001, 2021.

GREGÓRIO, Fabrício; MELO, Beatriz Medeiros de. **Preconceito racial no esporte nacional**. **Revista Esporte e Sociedade**, São Carlos, v.10, n. 24, p. 1-31, 2015.

PAIVA, Giovana Barbosa de.; PALMA, Alexandre. **A complexidade da discriminação: interseccionalidade, práticas corporais/ atividades físicas, saúde e lazer**. In: PALMA, Alexandre; RODRIGUES, Phillipe; REIS, Erika Cardoso dos. (Orgs.). **Práticas Corporais & Atividades Físicas: saúde e sociedade**. Curitiba: CRV, 2021. p. 59-71.

PASSERO, Julia Gravena; BARREIRA, Julia; TAMASHIRO, Lucas; SCAGLIA, Alcides José; GALATTI, Larissa Rafaela. **Futebol de mulheres liderado por homens: uma análise longitudinal dos cargos de comissão técnica e arbitragem**. Revista Movimento. Porto Alegre, v. 26, e26060, 2020.

SILVA, Fábio Henrique Alves da; PAULA, Paula Ângela de Figueiredo e. **Os Impactos do Racismo na Subjetividade do Jogador de Futebol Negro**. Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas, v. 40, n. especial, e230122, 2020.

TORGA, Monique; SANTOS, Francielle Pereira; MOURÃO, Ludmila Nunes. Gênero e futebol: as mulheres na gestão do futebol brasileiro. **Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade**. Rio Grande, 2018.

A EVOLUÇÃO DO FUTEBOL FEMININO NO RIO DE JANEIRO: UMA PERSPECTIVA DO INTERESSE PÚBLICO

Juliana Santos do Nascimento Freitas de Brito

Rafael Lecce de Souza

Marco Antonio Ferreira dos Santos

Introdução

O futebol chega em terras tupiniquins em outubro de 1894 através um jovem paulista vindo da Inglaterra, na ocasião Charles Miller considerado o pai do futebol no Brasil, vinha do antigo continente com uma bagagem que possuía duas bolas, uma bomba para enchê-las, uniformes, apito e um livro de regras do esporte (AQUINO, 2002).

Oliveira (2012) conta que, com a chegada de Charles Miller ao Brasil, a popularidade do futebol teve uma rápida adesão na sociedade. A priori, o futebol no Brasil era um esporte elitizado, sendo limitado à nobreza da sociedade brasileira. Contudo, com a urbanização, o futebol difundiu-se entre toda a população. O esporte passa a ser visto como popular, no momento em que negros e mestiços formam equipes pelas pequenas cidades e subúrbios, assim como nas cidades portuárias.

Contrário ao futebol masculino, onde os atletas inicialmente pertenciam à elite, o futebol feminino surgiu do empenho e força de mulheres operárias, das classes sociais mais baixas, por fazerem parte de um contexto social elitista e sexista, as mulheres que praticavam futebol eram vistas como grosseiras e indelicadas (CHAVES, 2007). Diferente dos homens, o futebol feminino iniciou-se com muitas dificuldades no Brasil, os primeiros registros de aparição do futebol feminino se dão em três momentos, em 1913, em 1921 e em 1940, os acontecimentos foram marcados por eventos beneficentes até torneios organizados no Rio de Janeiro que levaram bons públicos ao estádio no ano de 1940 (SUGIMOTO, 2003).

Paralelamente ao seu início, as mulheres não deixaram de ser julgadas pela prática do esporte que elas escolheram para si, as dificuldades continuam presentes, as batalhas travadas durante o processo são árduas e desgastantes para as jogadoras que estiveram e estão inseridas no contexto do futebol feminino, para Teixeira e Caminha (2013), a segregação, a limitação na escolha das práticas esportivas, a erotização do corpo feminino, a exclusão, a vigilância

sobre a identidade de gênero das atletas e o cerceamento da mulher em determinadas práticas esportivas consideradas femininas são as formas de preconceito mais perceptíveis que as mulheres encontram nesse contexto.

Esses preconceitos sofridos por elas no contexto do futebol, são fundamentados nas ideias de inabilidade e desqualificação atlética feminina e no mito do sexo frágil, além disso, o argumento mais utilizado para desanimar a participação feminina no futebol é o controle biológico da aparência corporal (TEIXEIRA; CAMINHA, 2013).

E apesar do futebol feminino ter crescido nas últimas décadas, seu crescimento foi incentivado por costumes machistas e patriarcais, reflexo de uma sociedade do século passado, de acordo com Franzini (2005), no campeonato paulista feminino de 2001 a estratégia da Federação Paulista de Futebol e da empresa Pelé Sports & Marketing eram ações que enalteciam a sensualidade e a beleza das jogadoras para atrair o público masculino. Dentre as ações presentes, eram vistos calções minúsculos, maquiagem e longos cabelos presos em rabos de cavalo (FRANZINI, 2005).

Como se não bastasse todas as barreiras socioculturais que as mulheres sofreram para poder realizar a prática da modalidade, segundo Sugimoto (2003), após a repercussão dos torneios de 1940 veio o pior golpe, em 1941 ocorreu de fato a proibição do futebol feminino, no dia 14 de abril daquele ano foi instaurado o Decreto-Lei 3.199 em que o artigo 54 dizia:

Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com a sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país (BRASIL, 1941).

Além disso, em 1965 no contexto do governo militar tal Decreto-Lei foi implementado pelo conselho nacional de desportos, porém desta vez o mesmo cita especificamente a proibição da prática feminina de algumas modalidades, dentre elas o futebol, futebol de salão e futebol de praia (SALVINI; JUNIOR, 2013).

De acordo com Salvini e Junior (2013), apesar dos documentos oficiais constarem que foi somente em 1979 que a lei de proibição foi revogada, trazendo as mulheres para a modalidade, acredita-se que só 2 anos depois o decreto tenha sido revogado de fato, essa conjuntura, pode fundamentar o atraso na divulgação do futebol feminino. A realização do primeiro campeonato de futebol feminino carioca ocorreu em 1983 sendo organizado pela FERJ, tendo como um dos clubes pioneiros na profissionalização da modalidade o time do Radar, importante peça na divulgação do futebol feminino (SALVINI; JUNIOR, 2013).

Para efeito de comparação, a copa do mundo realizada pela Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA), entidade máxima do esporte, teve sua primeira edição com a participação de homens em 1930, já com a participação de mulheres, sua primeira edição ocorreu em 1991 (FIFA, 2023). No Brasil, a primeira competição nacional de clubes com a participação de homens, que foi organizada pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD), nos dias

de hoje conhecida como CBF, ocorreu em 1959 e chamada de Taça Brasil (GASPARETTO, 2013), as mulheres entram em campo por uma competição nacional organizada pela CBF, em 2007, sendo chamada de Copa do Brasil de Futebol Feminino (GOELLNER E KESSLER, 2018). Já no Rio de Janeiro, o primeiro campeonato carioca de futebol feminino de campo ocorreu em 1983 (MOREL; SALLES, 2006), enquanto que o primeiro masculino ocorreu em 1906 (CARRAVETTA, 2006).

Desta forma, percebemos que o preconceito sempre esteve presente para o futebol feminino, desde leis que proibiam sua prática (SUGIMOTO, 2003), até exclusão social das suas praticantes (TEIXEIRA; CAMINHA, 2013). O resultado de todos esses fatores, foi uma profissionalização tardia da modalidade no gênero feminino, enquanto que no masculino, além de profissionalizada, se consolidava, contribuindo para se tornar um ambiente ainda mais machista (FRANZINI, 2005).

Ainda que a literatura mostre um contexto histórico difícil para o futebol feminino (CHAVES, 2007; FRANZINI, 2005; SALVINI; JUNIOR, 2013; SUGIMOTO, 2003; TEIXEIRA; CAMINHA, 2013), nos últimos anos a modalidade tem recebido mais atenção. Em 2018, a FIFA publicou um documento no seu site que mostra sua estratégia para o desenvolvimento do futebol feminino nos próximos anos, com os seguintes objetivos: desenvolver e crescer dentro e fora de campo, melhorar as competições femininas, dar mais visibilidade e um maior valor comercial, institucionalizar o futebol feminino e aspirar a igualdade de gênero e por fim contribuir para que o futebol beneficie meninas e mulheres (FIFA, 2018).

De acordo com o regulamento de licença de clubes da CBF, para que clubes possam participar de competições organizadas pela instituição e não receba sanções um dos critérios estipulados pelo regulamento é que o clube conte com uma equipe principal feminina e pelo menos uma categoria de base feminina sub-15, sub-17 ou sub-20 (CBF, 2021).

Em competições sul-americanas o regulamento de licença de clubes da Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL), os clubes são submetidos a esses mesmos critérios em específico, contar com uma equipe feminina principal e pelo menos uma categoria de base feminina sub-15, sub-17 ou sub-20 (CONMEBOL, 2018). Sendo assim, hoje, para que equipes masculinas possam participar de competições da CBF e CONMEBOL, os clubes obrigatoriamente tem que contar com equipes principal e de base feminina.

Por fim o Poder Executivo Brasileiro, assinou o Decreto Nº 11.458 no dia 30 de março de 2023, que cria uma Estratégia Nacional para o Futebol Feminino (BRASIL, 2023). O documento prevê ações para aumentar a profissionalização do esporte e incentivar sua prática, além disso, essa estratégia fomenta a participação de mulheres na gestão, arbitragem e direção técnica dos clubes (BRASIL, 2023).

Nele são enunciadas algumas das seguintes medidas: mecanismos para incentivar a prática do futebol feminino, diretamente ou mediante parcerias, e estabeleça, em conjunto com outros órgãos e entidades da administração pública federal, uma metodologia de aprendizado específica e adaptada às necessidades das meninas e mulheres; instalar centros de desen-

volvimento específicos para a prática e o esporte, e descoberta de novos talentos; incentive a criação de projetos dedicados ao futebol feminino; promova o empoderamento da menina e da mulher e o aumento da participação feminina no esporte e auxilie na modernização de instalações esportivas (BRASIL, 2023).

É notório, que há algum tempo no Brasil e no mundo, a mulher vem alcançando consideráveis e marcantes conquistas (AZEVEDO; SOUSA, 2019). Voltando ao século XVI, com a colonização do Brasil, o surgimento de uma sociedade patriarcal, onde o homem era a figura de autoridade, poder político e econômico e a mulher servia para cuidar da casa e dos filhos, observando os dias atuais, nota-se uma mudança com bastante sacrifício, lutas, reivindicações e esforços por parte da mulher (GÓES; MACHADO, 2021).

No decorrer dos anos, a mulher passou a servir como mão de obra escrava para o marido, trabalhando para ajudar nas contas de casa. Com isso, passou a acumular funções e exaustivos trabalhos, porém, ainda assim, eram vistas como frágeis, infelizes e ingratas pelos homens da sociedade. Nunca foi fácil para as mulheres conseguirem sua liberdade de trabalho e melhores oportunidades em setores de maioria masculina (GÓES; MACHADO, 2021).

Nos dias atuais, depois de muita luta e reivindicação, às mulheres têm ocupado cada vez mais cargos que eram deferidos a homens, porém, a desigualdade de gênero, o preconceito e a visão distorcida de um percentual da sociedade sobre a mulher ainda são vistos em muitos setores, entre eles, o esporte (GÓES; MACHADO, 2021).

Na antiguidade, somente os homens livres que podiam participar de jogos e competições esportivas, já mulheres, escravos e estrangeiros eram proibidos de participar (RUBIO; SIMÕES, 1999). Um exemplo disso, é o futebol, que era considerado esporte de “homem”. Mulheres não podiam praticar, pois, eram vistas como frágeis, sem condições físicas e poderiam ficar masculinizadas (TEIXEIRA; CAMINHA, 2013).

Trazendo para o Brasil, o ingresso das mulheres no futebol feminino foi bastante difícil. A desigualdade de gênero era predominante na sociedade, não sendo permitido participação das mulheres no futebol, até que houve de fato a proibição do mesmo através do artigo 54 do Decreto- Lei 3.199, no ano de 1941. Foi somente na década de 70 que houve a revogação da lei, abrindo caminho para o início da modalidade para as mulheres, porém, sem estímulo de federações ou clubes (CASTELLANI FILHO, 1989).

Atualmente, o cenário vem mudando, o futebol feminino se encontra em uma crescente, tendo mais visibilidade em comparação ao seu início, com ícones como Marta (meia-atacante Brasileira), Mia Hamm (ex-atacante Norte-americana), Megan Rapinoe (meia-atacante Norte-americana), Ada Hegerberg (atacante Norueguesa) e Alexia Putellas (meia-atacante Espanhola), sendo aclamadas, árbitras entrando em campo e fazendo a diferença, narradoras, comentaristas e treinadoras, porém obstáculos como, por exemplo, o desprestígio midiático delas em relação ao futebol praticado por eles ainda precisam ser superados (LOURENÇO *et al.*, 2022).

Diante disso, delimitamos nosso estudo abordando o público e o alcance do futebol femi-

nino na cidade do Rio de Janeiro. Levando-nos a seguinte questão: O interesse do público carioca condiz com o desempenho esportivo das equipes femininas da cidade, no principal campeonato do país?

Para uma modalidade como o futebol ter sucesso em resultados, é necessário certo apelo do público. Essa mobilização por parte dos espectadores traz mais renda e consequentemente maior procura da mídia para divulgação do esporte, além de patrocinadores para financiar seu desenvolvimento (SILVA; CAMPOS FILHO, 2009).

Sendo assim, a influência do público no futebol feminino é de suma importância para seu avanço (SILVA; CAMPOS FILHO, 2009). Visto isso, esse trabalho tem como finalidade investigar o nível de interesse no futebol feminino da população da cidade do Rio de Janeiro, analisando e comparando as respostas do público geral (residentes do Rio de Janeiro que possuam aparelhos eletrônicos com acesso à internet) sobre o seu interesse pelo futebol feminino e discutir os fatores causadores desse interesse.

Tendo a pesquisa analisado o início do futebol feminino no país, e o nível de interesse do público da cidade Rio de Janeiro na modalidade, a hipótese levantada por essa pesquisa é que: O interesse do público carioca no futebol feminino é o reflexo da atual conjuntura dos clubes do Rio de Janeiro na principal competição nacional no ano de 2023 (CBF, 2023).

O trabalho trata-se de uma pesquisa do tipo *Survey* descritiva, onde por meio de um questionário com 14 perguntas coleta-se de uma amostra da população, reunindo informações quantitativas sobre opiniões, comportamentos e hábitos (SANTOS, 2023).

A partir desta pesquisa, espera-se encontrar os principais fatores que influenciam o interesse da população da cidade do Rio de Janeiro no futebol feminino e estabelecer se há alguma relação desse interesse com o atual cenário dos clubes cariocas femininos no principal campeonato do país. As mulheres sempre tiveram que insistir para conseguir direitos iguais aos dos homens no âmbito social, no futebol não foi muito diferente. No início da história do futebol, as mulheres foram persistentes, muitas delas não se acovardaram diante de leis proibitivas e teorias baseadas na biologia do seu corpo com intuito de coibir a prática do esporte, resistência essencial para que o futebol feminino não desaparecesse no período em que esteve banido (GOELLNER, 2021).

Em um panorama mais equivalente para as mulheres, a imprensa tem um papel fundamental, pois é através da mídia que a informação chega para a sociedade, porém temos visto, que está cada vez mais comum a mídia além de informar ser formadora de opinião (ALVES, 2011). Para Alves (2011), essa influência da mídia está cada vez maior, pelo fato da massificação dos meios de comunicação que estão gradualmente mais presentes no cotidiano das pessoas. Um exemplo disso, é a construção de interesse que a mídia faz em volta de espetáculos esportivos, a cada jogo do Brasil de copa do mundo masculina é um fenômeno de audiência (GASTALDO, 2009).

Para Lourenço *et al.* (2022), esse cenário ainda anda desequilibrado por parte da mídia, já que o noticiário do maior conglomerado do país, envia praticamente o dobro de jornalistas

para cobrir uma competição masculina de magnitude continental, do que para uma competição feminina de magnitude mundial, sendo elas a copa américa masculina de 2019 e copa do mundo feminina de 2019 respectivamente, trazendo para elas um desprestígio midiático.

No contexto atual o desejo de um quadro mais igual segue sendo a luta de muitas mulheres, entretanto de acordo com Costa (2022), elas chegam a ganhar aproximadamente 40% a menos do que os homens, premiações até 30% menores e também patrocínios são até 50% menores, já os investimentos no esporte em geral, as mulheres recebem 90% a menos em relação aos homens, dados que representam incentivo significativamente menor, o que dificulta o desenvolvimento da modalidade e sua real potencialização (COSTA, 2022).

Observando a fundo o cenário esportivo atual no Brasil, o Corinthians é o principal exemplo a ser seguido na modalidade feminina. Segundo matéria do programa jornalístico esportivo Globo Esporte (2022) no ano de 2020 o clube já tinha profissionalizado todas as atletas, além disso, também foi dado aporte para as mulheres fora de campo.

A instituição passou a dar mais visibilidade para as jogadoras, sendo uma das primeiras a criar redes sociais exclusivas¹ para a equipe, aproximando o torcedor do time feminino. O resultado veio através da conquista do quarto título brasileiro feminino e um estádio lotado com pouco mais de 41 mil torcedores e uma renda bruta maior que 900 mil reais na final do brasileiro de 2022.

Além do Corinthians, de acordo com a Confederação Brasileira de futebol (CBF) o Estado de São Paulo (SP) tem outros 4 representantes na elite do futebol feminino nacional de 2023, liga denominada como FEMININO A1 (CBF, 2023). Em contrapartida, se olharmos para o Rio de Janeiro (RJ) o cenário se inverte com apenas um representante na principal liga do país (CBF, 2023). Tendo em vista, que na última pesquisa referente a tamanho de torcidas realizada pela Atlas Intel, ambos os estados RJ e SP, possuem 4 times com torcidas situadas no top 13 do ranking do país (MURITO; ZARKO, 2023), essa falta de representatividade por parte dos times do RJ em relação aos times de SP na principal competição feminina do Brasil é uma questão para se analisar.

Dentre os 4 times citados na pesquisa anterior de torcidas, foram mencionados Flamengo, Vasco da Gama, Fluminense e Botafogo (MURITO; ZARKO, 2023). Hoje o único representante do futebol feminino carioca na competição FEMININA A1 é a equipe do Flamengo, Fluminense e Botafogo se encontram na FEMININA A2, segunda divisão, e o Vasco da Gama juntamente com o Pérolas Negras estão na FEMININA A3, terceira divisão, representando o Rio de Janeiro (CBF, 2023).

Atualmente a Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (FERJ) organiza os campeonatos estaduais femininos, são organizadas as categorias adultas, sub-20 e sub-16 (FFERJ, 2023). De acordo com o regulamento da CBF (2023), o campeonato feminino estadual carioca adulto reserva o direito ao campeão uma vaga na disputa da competição FEMININA

¹ Link do instagram e twitter do time feminino do Corinthians respectivamente: <https://www.instagram.com/corinthiansfutebolfeminino/> e <https://twitter.com/SCCPFutFeminino>.

A3, os quatro melhores classificados da FEMININA A3 ascendem para a FEMININA A2 que por sua vez tem como bonificação a classificação dos 4 primeiros para a FEMININA A1. Se olharmos para fora do Brasil, a seleção feminina dos Estados Unidos é um dos principais sucessos na modalidade. Para Souza e Santos (2023), o sucesso da seleção norte americana está interligado diretamente com a prática, formação esportiva e organização com o registro de jogadoras federadas e organizadas para a prática do futebol, a formação de várias categorias de seleção de base, bem como trabalhos de organizações não governamentais (ONG's), perspectivas de prática mista de futebol e a necessidade de um corpo gestor com um plano de desenvolvimento específico para a modalidade para a estruturação e gestão.

O futebol feminino no RJ poderia estar mais forte desportivamente e mais consolidado popularmente se as estratégias dos clubes do estado seguissem os exemplos do Corinthians e da seleção estadunidense. Com maior capacidade de atração do público, consequentemente as receitas aumentariam e no mundo capitalista em que vivemos, boas receitas são fundamentais para o bom andamento/ funcionamento de um clube de futebol (SILVA; CAMPOS FILHO, 2009).

Com a consolidação e consequentemente popularização do esporte na ala feminina, as grandes figuras que surgirem na modalidade serão influências para as meninas e mulheres que desejarem optar pela prática da modalidade (GIGLIO, 2007). Esse cenário mais concreto pode atrair mais praticantes por parte do público feminino, por conseguinte será de grande proveito para elas, já que o futebol como lazer se mostra eficiente ao produzir resultados positivos em variáveis antropométricas, fisiológicas e de rendimento em adultos não atletas (RIBEIRO; MEZQUITA; DEL VECCHIO, 2014).

Ainda de acordo com publicação do site hospital Albert Einstein (2018), há uma série de benefícios para quem realiza a prática do futebol, como por exemplo, o aumento da capacidade cardiorrespiratória, a potência aeróbica, fortalece a musculatura mais especificamente da coluna e das pernas, melhora o equilíbrio, força, coordenação, agilidade e diminui o risco do desenvolvimento de cardiopatias. Além disso, o futebol pode ser usado como ferramenta de socialização, em que o praticante pode descontraír em um momento de lazer para fazer e encontrar amigos (EINSTEIN, 2018). Por fim, como a popularização da modalidade no estado é de suma importância para seu desenvolvimento e valorização dos profissionais inseridos no futebol feminino, o presente trabalho consiste em investigar o nível de interesse do público da cidade do Rio de Janeiro no futebol feminino e discutir os fatores causadores para o respectivo interesse encontrado.

Em pesquisas recentes realizadas pelos autores, contou com uma amostra de 131 participantes, 50,4% (66 indivíduos) são mulheres, tornando-se a maioria dos entrevistados. Logo em seguida vem os homens, contando com 49,6% (65 indivíduos).

A faixa etária de maior porcentagem foi de 21-35 anos com 64,1% (84 indivíduos), em seguida vieram os acima de 50 anos com 19,1% (25 indivíduos), 36-50 anos com 10,7% (14 indivíduos) e a minoria de 0-20 anos com 6,1% (8 indivíduos).

Além do número de indivíduos e a faixa etária, foram obtidos resultados da região do Rio de Janeiro que os indivíduos residem e a renda mensal dos mesmos. Com relação a região, 71% residem na Zona Norte (93 indivíduos), 20,6% residem na Zona Oeste (27 indivíduos), 6,1% residem na Zona Sul (8 indivíduos) e por último 2,3% residem no Centro da cidade (3 indivíduos).

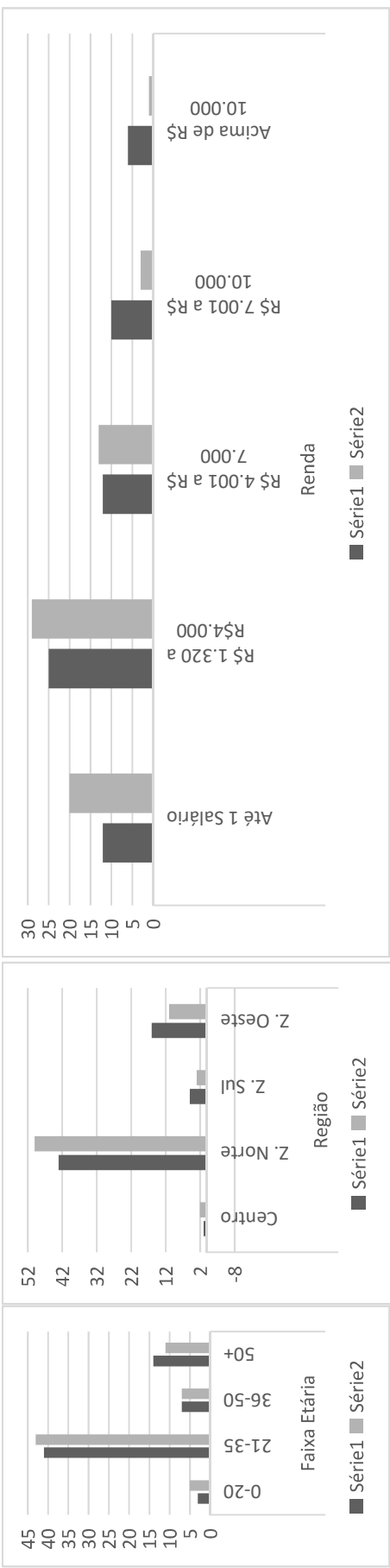
Os resultados obtidos sobre a renda mensal mostram que, 41,2% tem renda entre 1.321-4.000 reais (54 indivíduos), 24,4% com renda entre 0-1.320 reais (32 indivíduos), 19,1% com renda entre 4.001-7.000 reais (25 indivíduos), 9,9% com renda entre 7.001-10.000 reais (13 indivíduos) e 5,3% com renda acima de 10.000 reais (7 indivíduos). O quadro 1 (abaixo) apresenta a estatística descritiva do perfil amostral.

Após as perguntas relacionadas aos indivíduos, vieram as direcionadas ao futebol feminino e masculino. Foram um total de 9 perguntas, sendo 1 sobre praticar futebol, 4 para o feminino e 4 para o masculino, porém, eram as mesmas perguntas para as duas modalidades.

A respeito da prática do futebol, 34,4% (45 indivíduos) nunca praticaram, 37,4% (49 indivíduos) já praticaram, mas não praticam mais, 10,7% (14 indivíduos) praticam pouco, 15,3% (20 indivíduos) praticam regularmente e 2,3% (3 indivíduos) praticam muito. O quadro 2 (abaixo) mostra a relação das respostas a respeito da prática do futebol combinado com sexo biológico, faixa etária, região e renda mensal.

Quadro 1 - Perfil da Amostra

Sexo	Faixa Etária				Região				Renda				
	0-20	21-35	36-50	50+	Centro	Z. Norte	Z. Sul	Z. Oeste	Até 1 Salário	R\$ 1.320 a R\$ 4.000	R\$ 4.001 a R\$ 7.000	R\$ 7.001 a R\$ 10.000	Acima de R\$ 10.000
Masculino (n=65)	3	41	7	14	1	43	5	16	12	25	12	10	6
Feminino (n=66)	5	43	7	11	2	50	3	11	20	29	13	3	1



Nota: Série 1 = Sexo Masculino / Série 2 = Sexo Feminino. **Fonte:** Os autores.

Quadro 2 - Sobre a prática do Desporto

Sexo	Opções	Faixa Etária					Região				Renda					Acima de R\$ 10.000
		0-20	21-35	36-50	50+		Centro	Z. Norte	Z. Sul	Z. Oeste	Até 1 Salário	R\$ 1.320 a R\$4.000	R\$ 4.001 a R\$ 7.000	R\$ 7.001 a R\$ 10.000		
Masculino	Nunca praticou	0	2	2	0		0	3	1	8	2	0	1	1	0	
	Já praticou, não pratica mais	1	20	4	8		0	23	2	4	6	14	6	4	3	
	Praticou pouco	0	10	0	1		0	5	2	0	3	5	0	1	2	
	Pratica Regularmente	1	8	1	5		1	11	0	3	1	6	4	3	1	
	Pratica muito	1	1	0	0		0	1	0	1	0	0	1	1	0	
Feminino	Total	3	41	7	14		1	43	5	16	12	25	12	10	6	
	Nunca praticou	3	25	5	8		2	29	3	7	14	17	6	3	1	
	Já praticou, não pratica mais	1	10	2	3		0	15	0	1	1	10	5	0	0	
	Praticou pouco	1	2	0	0		0	2	0	1	3	0	0	0	0	
	Pratica Regularmente	0	5	0	0		0	4	0	1	2	1	2	0	0	
Total	Pratica muito	0	1	0	0		0	0	0	1	0	1	0	0	0	
	Total	5	43	7	11		2	50	3	11	20	29	13	3	1	

Nota: Entre os homens a resposta mais mencionada foi “já praticou, não pratica mais” e entre as mulheres foi “nunca praticou”. **Fonte:** Os autores.

Em seguida foi perguntado para os entrevistados se já assistiram a algum jogo feminino e masculino. Com relação ao feminino, 87,8% (115 indivíduos) já assistiram e 12,2% (16 indivíduos) nunca assistiram. No masculino, 100% (131 indivíduos) já assistiram a algum jogo, mostrando que mesmo estando abaixo do masculino, o número de espectadores dentro da pesquisa não é tão discrepante. O gráfico 1 descreve essa comparação de pessoas que assistiram a algum jogo feminino e masculino.

Gráfico 1 – Demonstrativo em relação ao número de pessoas que já assistiram a algum jogo feminino e masculino.

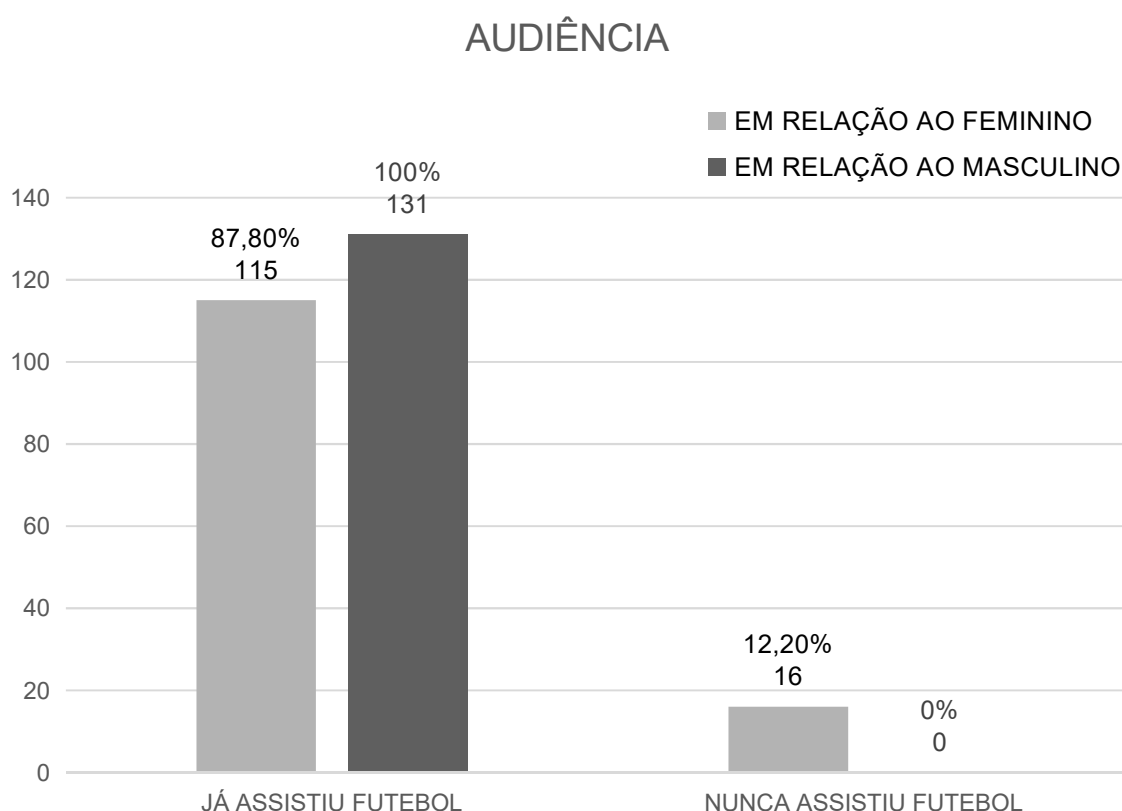


Gráfico 1 – Destaque para 100% terem assistido o masculino, e 12,2% nunca ter assistido o feminino.

Quando questionados sobre o interesse nas modalidades, 18,3% (24 indivíduos) não possuem nenhum interesse pelo futebol feminino, 32,5% (43 indivíduos) possuem pouco interesse, 29,8% (39 indivíduos) interesse moderado, 15,3% (20 indivíduos) grande interesse e por fim 3,8% (5 indivíduos) possuem extremo interesse pelo futebol feminino. Com relação ao masculino, 13,8% (18 indivíduos) não possuem nenhum interesse, 17,5% (23 indivíduos) possuem pouco interesse, 26,7% (35 indivíduos) possuem interesse moderado, 17,6% (23 indivíduos) grande interesse e 24,4% (32 indivíduos) possuem extremo interesse. O gráfico 2 ilustra o nível de interesse dos entrevistados no futebol feminino e masculino.

DISCUSSÕES DE GÊNERO NO FUTEBOL

Gráfico 2 – Demonstrativo em relação ao nível de interesse no futebol feminino e no futebol masculino.

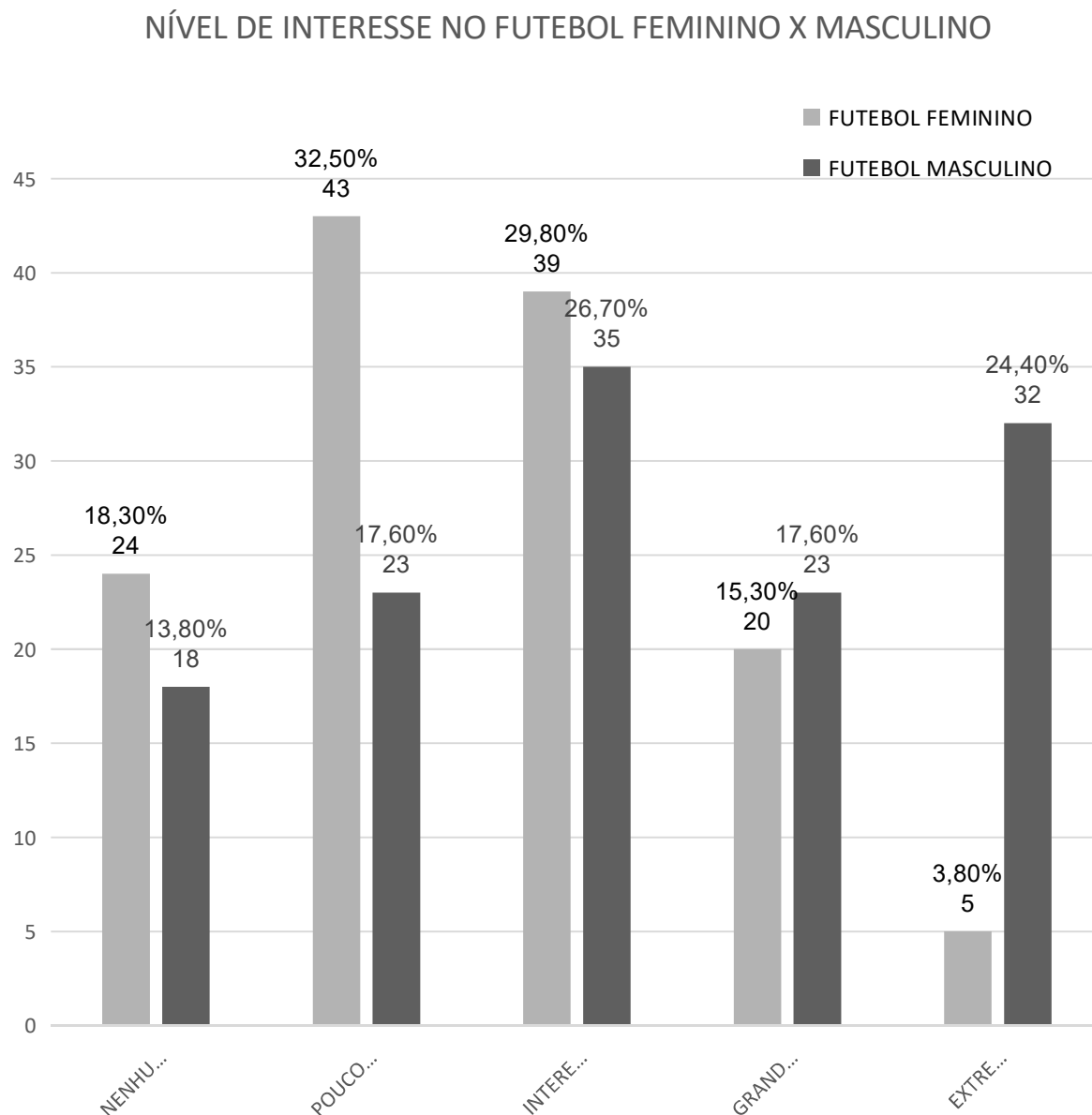


Gráfico 2 - As respostas mais frequentes em relação ao futebol feminino foram pouco interesse e interesse moderado enquanto no masculino foram interesse moderado e extremamente interessado.

Após a pergunta do nível de interesse no futebol foi questionado os fatores que colaboram para esse ser o seu nível de interesse na modalidade masculina ou feminina. Foram disponibilizados 11 fatores para o entrevistado assinalar, podendo marcar quantos fatores achasse necessário. Os fatores mais mencionados que colaboraram para o nível de interesse no futebol masculino foram: “acesso à informação (ex: datas de jogos e campeonatos, nomes de jogadores...)” com 48,1% (63 indivíduos) das respostas, “nível técnico/tático dos jogadores” com 46,5% (61 indivíduos), “nível profissional dos jogadores” com 31,3% (41 indivíduos), “nível

profissional dos treinadores”, “nível tático dos treinadores”, “acessibilidade para assistir aos jogos” ambos com 22,1% (29 indivíduos) e “violência dentro ou fora de campo” com 21,4% (28 indivíduos). O gráfico 3 informa os fatores mais mencionados pelos entrevistados que colaboram para seu nível de interesse no futebol masculino.

Gráfico 3 – Demonstrativo de fatores que contribuem para o nível de interesse no futebol masculino.

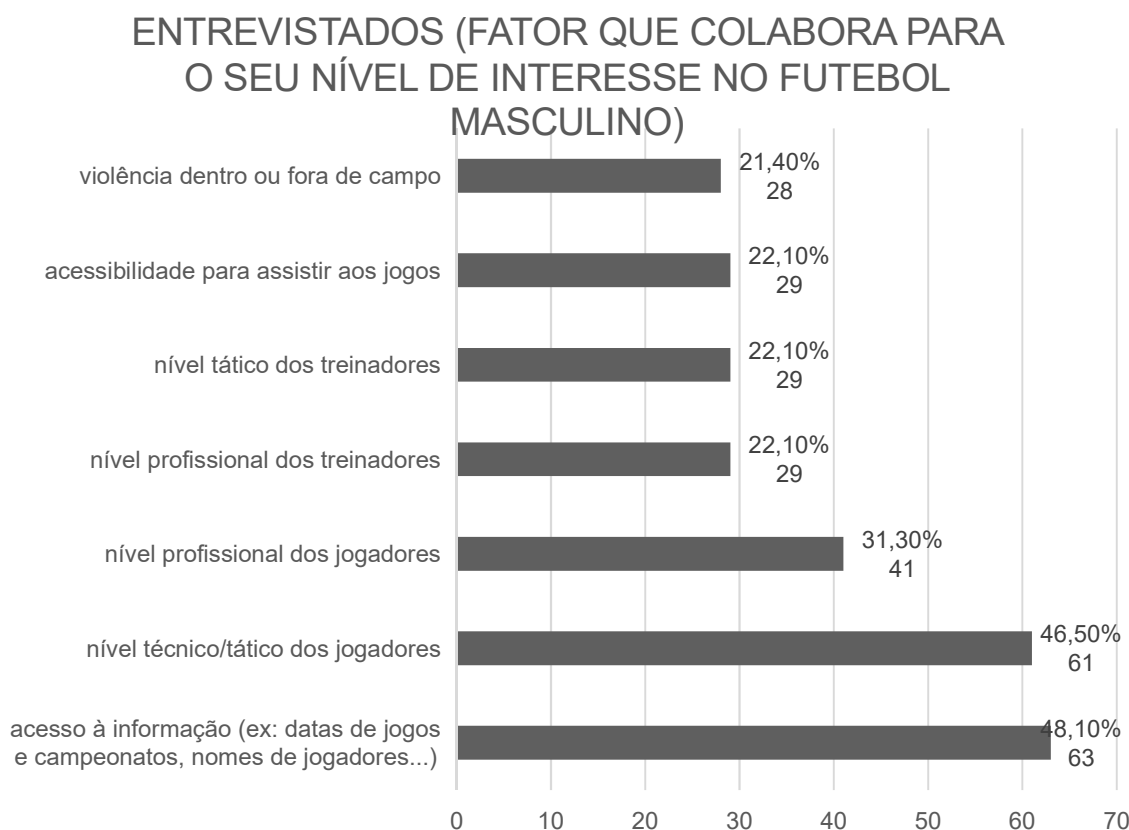


Gráfico 3 - Acesso à informação e nível técnico/tático dos jogadores foram os fatores mais mencionados que contribuíram para o nível de interesse no futebol masculino ter sido interesse moderado e extremamente interessado como principais respostas.

Os fatores mais mencionados que colaboraram para o nível de interesse no futebol feminino foram: “acesso à informação (ex: datas de jogos e campeonatos, nomes de jogadores...)” com 50,4% (66 indivíduos), “nível técnico/tático das jogadoras” com 40,4% (53 indivíduos), “nível profissional das jogadoras” com 31,3% (41 indivíduos), “acessibilidade para assistir aos jogos” com 20,6% (27 indivíduos), “nível tático dos treinadores” com 15,3% (20 indivíduos) e “nível profissional dos treinadores” com 13,7% (18 indivíduos). O gráfico 4 por sua vez informa os fatores mais mencionados pelos entrevistados que colaboram para seu nível de interesse no futebol feminino.

Gráfico 4 – Demonstrativo de fatores que contribuem para o nível de interesse no futebol feminino.

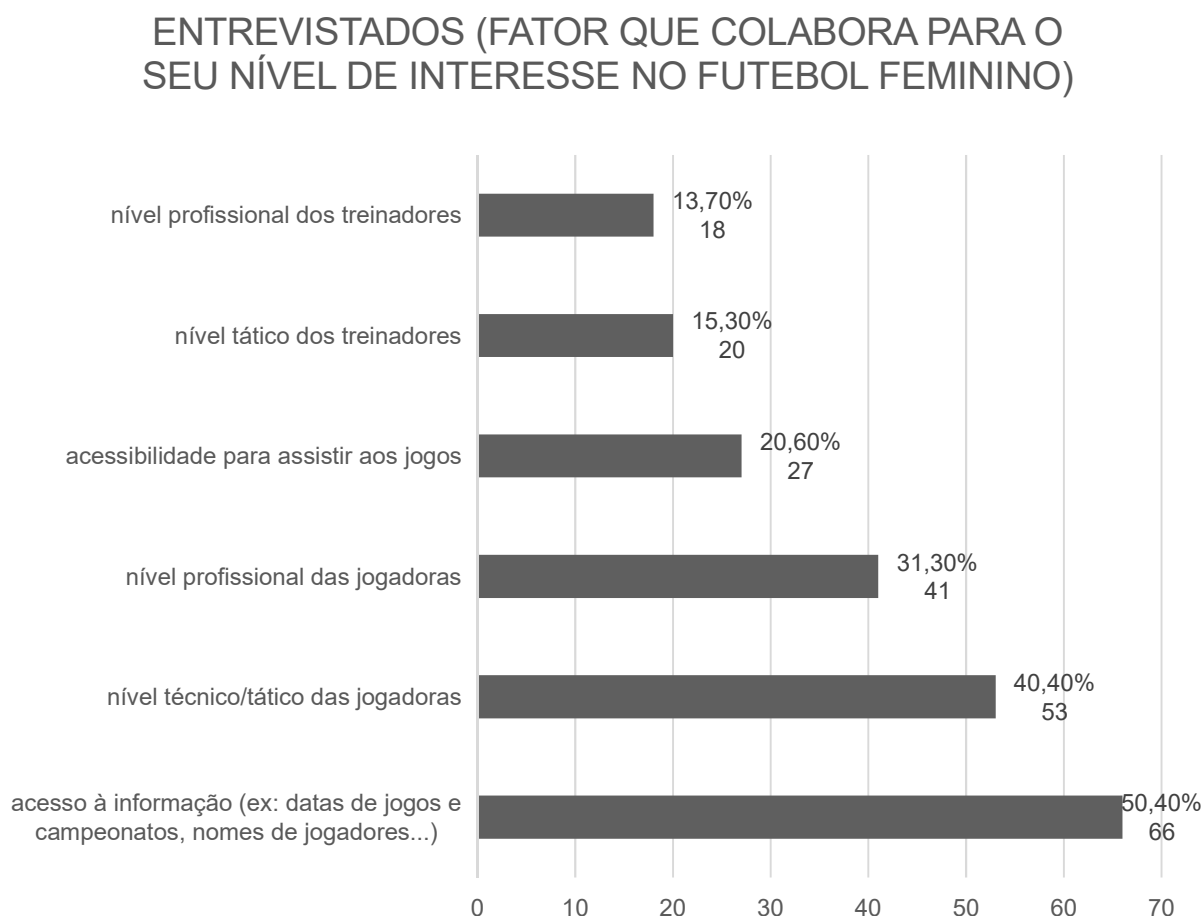


Gráfico 4 - Acesso à informação e nível técnico/tático das jogadoras foram os fatores mais mencionados que contribuíram para o nível de interesse no futebol feminino ter sido pouco interesse e interesse moderado como principais respostas.

Também foi perguntado por quais meios os entrevistados costumam assistir aos jogos de futebol. Foi disponibilizado 7 meios para o entrevistado assinalar, podendo marcar quantos meios achar necessário. Os mais citados pelos entrevistados foram a “televisão aberta” com 75,6% (99 pessoas), “televisão a cabo ou pay-per-view” com 57,3% (75 indivíduos), “presencialmente nos estádios” com 36,6% (48 indivíduos), “bares ou restaurantes que transmitam os jogos” com 34,4% (45 indivíduos) “celular” com 25,2% (33 indivíduos), “computador” com 20,6% (27 indivíduos) e “não assisto/nenhuma das alternativas” com 4,6% (6 indivíduos).

Para finalizar, foi perguntado se teriam interesse em conhecer mais sobre ambos. Falando do feminino, 15,3% (20 indivíduos) não possuem nenhum interesse, 16,8% (22 indivíduos) possuem pouco interesse, 31,3% (41 indivíduos) interesse moderado, 22,1% (29 indivíduos) possuem grande interesse e 10,7% (14 indivíduos) possuem extremo interesse. No masculino,

17,6% (23 indivíduos) não possuem nenhum interesse, 19,8% (26 indivíduos) possuem pouco interesse, 29% (38 indivíduos) interesse moderado, 11,5% (15 indivíduos) grande interesse e 18,3% (24 indivíduos) possuem extremo interesse.

O quadro 3 (abaixo) mostra as respostas sobre a audiência, dispositivo de audiência e o fator que colabora para o interesse no futebol tanto no masculino quanto no feminino, essas respostas são relacionadas ao sexo biológico, faixa etária, região e renda mensal.

Quadro 3 - Sobre a audiência, o dispositivo de audiência e fator que colabora para seu nível interesse no futebol.

Sexo	Opções	Faixa Etária		Região					Renda				Acima de R\$ 10.000	
				Centro		Z. Norte	Z. Sul	Z. Oeste	Até 1 Salário	R\$ 1.320 a R\$4.000	R\$ 4.001 a R\$ 7.000	R\$ 7.001 a R\$ 10.000		
		0-20	21-35	36-50	50+									
Masculino	Assiste ou já assistiu a um jogo feminino	2	35	7	13	1	36	5	15	10	23	10	8	6
	Não assistiu a um jogo feminino	1	6	0	1	0	7	0	1	2	2	2	2	0
	Total	3	41	7	14	1	43	5	16	12	25	12	10	6
	Assiste ou já assistiu a um jogo feminino	3	39	7	9	2	44	3	9	17	25	12	3	1
Feminino	Não assistiu a um jogo feminino	2	4	0	2	0	6	0	2	3	4	1	0	0
	Total	5	43	7	11	2	50	3	11	20	29	13	3	1
	Assiste ou já assistiu a um jogo masculino	3	41	7	14	1	43	5	16	12	25	12	10	6
	Não assistiu a um jogo masculino	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Masculino	Total	3	41	7	14	1	43	5	16	12	25	12	10	6
	Assiste ou já assistiu a um jogo masculino	5	43	7	11	2	50	3	11	20	29	13	3	1
	Não assistiu a um jogo masculino	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	Total	5	43	7	11	2	50	3	11	20	29	13	3	1

COLETÂNEA UNIVERSO DO FUTEBOL

Masculino	Dispositivo de audiência														
	TV Aberta	0	2	2	4	0	6	0	2	0	4	2	1	1	1
	TV a cabo/Pay per view	1	9	2	3	0	10	1	4	3	4	3	3	2	2
	Celular	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0
	Computador	0	2	0	0	0	2	0	0	1	0	0	0	0	0
	Bares ou restaurantes	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	Presencial no estádio	0	0	1	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0
	Mais de um dispositivo	1	27	2	7	1	23	4	9	7	15	6	6	3	3
	Nenhuma das Alternativas	1	1	0	0	0	1	0	1	1	1	0	0	0	0
	Total	3	41	7	14	1	43	5	16	12	25	12	10	6	6
Feminino	TV Aberta	2	8	4	7	0	18	0	3	9	4	6	1	1	1
	TV a cabo/Pay per view	0	2	0	0	0	2	0	0	0	2	0	0	0	0
	Celular	0	1	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0
	Computador	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	Bares ou restaurantes	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	Presencial no estádio	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0
	Mais de um dispositivo	3	29	2	4	2	26	3	7	10	20	6	2	0	0
	Nenhuma das Alternativas	0	2	1	0	0	3	0	0	1	2	0	0	0	0
	Total	5	43	7	11	2	50	3	11	20	29	13	3	1	1
	Fator que colabora para seu nível de Interesse no futebol masculino														

DISCUSSÕES DE GÊNERO NO FUTEBOL

[illegible]

COLETÂNEA UNIVERSO DO FUTEBOL

Masculino	Acessibilidade	0	2	0	0	0	0	1	0	1	1	1	0	0	0
	Acesso a informação	0	7	1	2	0	0	6	1	3	2	4	2	2	0
	Funcionalidade das regras	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0
	Valor do ingresso	0	0	1	1	0	0	2	0	0	0	1	1	0	0
	Mobilidade para ir ao estádio	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	1
	Nível técnico/tático das jogadoras	0	3	2	4	0	0	6	0	3	1	2	1	1	4
	Nível profissional das jogadoras	2	2	0	1	0	0	3	1	1	1	2	2	1	0
	Violência dentro ou fora de campo	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	Nível profissional dos treinadores	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0
	Nível tático dos treinadores	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Mais de um fator		1	26	2	5	1	24	3	6	7	15	5	6	1	1
Total		3	41	7	14	1	43	5	16	12	25	12	10	6	6
Feminino	Acessibilidade	1	1	2	1	0	0	5	0	0	1	1	1	2	1
	Acesso a informação	0	12	2	2	0	0	16	0	0	5	8	2	0	0
	Funcionalidade das regras	0	4	0	3	0	4	0	3	3	2	2	2	0	0
	Valor do ingresso	0	1	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0
	Mobilidade para ir ao estádio	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	Nível técnico/tático das jogadoras	1	3	0	2	0	4	0	2	2	2	1	1	1	0
	Nível profissional das jogadoras	0	2	0	0	0	2	0	0	1	1	0	0	0	0
	Violência dentro ou fora de campo	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	Nível profissional dos treinadores	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
	Nível tático dos treinadores	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
Mais de um fator		3	20	3	3	2	18	3	6	7	15	7	0	0	0
Total		5	43	7	11	2	50	3	11	20	29	13	3	1	1

Nota: Todos os entrevistados já assistiram pelo menos algum jogo de futebol masculino, para o futebol feminino 8 homens e 8 mulheres nunca assistiram a

DISCUSSÕES DE GÊNERO NO FUTEBOL

algum jogo. Para o dispositivo de audiência os entrevistados responderam em sua maioria ter mais de um meio de assistir os jogos. Já para o fator de interesse a maioria dos entrevistados responderam ter mais de um fator tanto para o futebol masculino quanto para o feminino. Fonte: Os autores.

O quadro 4 (abaixo) mostra as respostas a respeito do nível de interesse no futebol feminino e masculino e o desejo de conhecer mais sobre ambos com relação ao sexo biológico, faixa etária, região e renda mensal.

Quadro 4 - Sobre o interesse no desporto e o desejo de conhecer mais sobre a modalidade														
Sexo	Opções	Faixa Etária			Região			Z. Oeste	Até 1 Sa-lário	Renda		R\$ 7.001 a R\$ 10.000	Acima de R\$ 10.000	
		0-20	21-35	36-50	50+	Centro	Z. Norte	Z. Sul		R\$ 4.001 a R\$ 7.000	R\$ 1.320 a R\$4.000			
Masculino	Para o futebol masculino													
	Nenhum Interesse	1	4	1	1	0	6	0	1	2	2	1	0	
	Pouco Interesse	0	5	3	0	0	5	1	2	1	5	1	1	
	Interesse moderado	0	8	0	5	0	9	1	3	1	4	3	2	
	Grande Interesse	1	6	2	6	0	11	1	3	2	5	3	1	
	Extremamente interessado	1	18	1	2	1	12	2	7	6	9	2	2	
Total		3	41	7	14	1	43	5	16	12	25	10	6	
Feminino	Nenhum Interesse	0	8	1	2	0	9	0	2	4	4	0	0	
	Pouco Interesse	2	8	2	3	1	11	0	3	7	6	0	0	
	Interesse moderado	0	14	3	5	0	19	2	1	4	12	2	1	
	Grande Interesse	1	6	1	0	0	6	1	1	1	3	0	0	
	Extremamente interessado	2	7	0	1	1	5	0	4	4	4	1	0	
Total		5	43	7	11	2	50	3	11	20	29	3	1	

COLETÂNEA UNIVERSO DO FUTEBOL

Para o futebol feminino														
Masculino	Nenhum Interesse	1	9	0	3	0	10	0	3	4	3	2	3	1
	Pouco Interesse	0	16	3	1	0	12	4	4	4	11	3	0	2
	Interesse moderado	2	11	3	6	0	21	0	1	2	10	6	3	1
	Grande Interesse	0	4	0	3	1	0	1	5	1	1	1	4	0
	Extremamente interessado	0	1	1	1	0	0	0	3	1	0	0	0	2
Total		3	41	7	14	1	43	5	16	12	25	12	10	6
Feminino	Nenhum Interesse	0	8	0	3	0	9	0	2	5	4	2	0	0
	Pouco Interesse	2	13	5	3	1	16	2	4	7	10	4	2	0
	Interesse moderado	1	12	2	2	0	14	0	3	4	8	3	1	1
	Grande Interesse	2	8	0	3	1	10	1	1	2	7	4	0	0
	Extremamente interessado	0	2	0	0	0	1	0	1	2	0	0	0	0
Total		5	43	7	11	2	50	3	11	20	29	13	3	1
Desejo de conhecer mais sobre o desporto no masculino														

Masculino	Nenhum Interesse	1	6	0	1	0	7	0	1	3	3	2	0	0
	Pouco Interesse	0	5	1	1	0	4	1	2	2	2	2	1	0
	Interesse moderado	1	11	1	7	0	14	1	5	1	8	4	5	2
	Grande Interesse	0	6	1	3	0	6	0	4	4	3	1	1	1
	Extremamente interessado	1	13	0	1	1	11	2	1	1	9	3	2	0
Total		3	41	3	13	1	42	4	13	11	25	12	9	3
Feminino	Nenhum Interesse	1	10	1	3	0	12	0	3	7	5	3	0	0
	Pouco Interesse	0	11	4	4	0	16	1	2	5	11	2	1	0
	Interesse moderado	0	13	2	3	1	15	1	1	3	9	5	0	1
	Grande Interesse	1	4	0	0	0	2	0	3	2	0	2	1	0
	Extremamente interessado	3	5	0	1	1	5	1	2	3	4	1	1	0
Total		5	43	7	11	2	50	3	11	20	29	13	3	1

DISCUSSÕES DE GÊNERO NO FUTEBOL

Desejo de conhecer mais sobre o esporte no feminino														
Masculino	Nenhum Interesse	1	6	0	3	0	9	0	1	3	3	2	2	0
	Pouco Interesse	0	11	1	0	0	6	3	3	1	5	3	1	2
	Interesse moderado	0	13	1	8	1	18	1	2	3	11	5	2	1
	Grande Interesse	2	7	1	1	0	6	0	5	3	4	2	2	0
	Extremamente interessado	0	4	0	1	0	3	0	2	1	2	0	2	0
	Total	3	41	3	13	1	42	4	13	11	25	12	9	3
Feminino	Nenhum Interesse	0	7	0	3	0	9	0	1	4	5	1	0	0
	Pouco Interesse	1	3	4	2	0	9	0	1	3	3	3	1	0
	Interesse moderado	0	14	3	2	1	13	2	3	5	9	4	0	1
	Grande Interesse	2	13	0	3	0	15	0	3	4	8	4	2	0
	Extremamente interessado	2	6	0	1	1	4	1	3	4	4	1	0	0
	Total	5	43	7	11	2	50	3	11	20	29	13	3	1

Nota: Cinco entrevistados não responderam à pergunta a respeito de conhecer mais sobre o futebol masculino e feminino. As respostas mais mencionadas sobre o interesse no futebol masculino interesse moderado e extremamente interessado enquanto no futebol feminino foram pouco interesse e interesse moderado. A respeito de conhecer mais sobre o futebol masculino e feminino a resposta mais mencionada foi interesse moderado em ambos. Fonte: Os autores.

Por fim, analisamos o sexo biológico e a faixa etária com os níveis de interesse dos participantes no futebol feminino, a tabela 1 abaixo mostra o percentual dessa relação.

Tabela 1 – Demonstrativo em relação ao sexo biológico e a faixa etária com os níveis de interesse no futebol feminino.

	Nenhum interesse	Pouco interesse	Interesse moderado	Grande interesse	Extremamente interessado	TOTAL
Mulheres 0-20 anos	0	2 (40%)	1 (20%)	2 (40%)	0	5 (100%)
Mulheres 21-35 anos	8 (18,1%)	14 (31,8%)	12 (27,2%)	8(18,1%)	2 (4,5%)	44 (100%)
Mulheres 36-50 anos	0	5 (71,4%)	2 (28,5%)	0	0	7 (100%)
Mulheres acima de 50 anos	3 (27,2%)	3 (27,2%)	2 (18,1%)	3 (27,2%)	0	11 (100%)
Homens 0-20 anos	1 (33,3%)	0	2 (66,6%)	0	0	3 (100%)
Homens 21-35 anos	9 (21,9%)	16 (39%)	11 (26,8%)	4 (9,7%)	1 (2,4%)	41 (100%)
Homens 36-50 anos	0	1 (33,3%)	2 (66,6%)	0	0	3 (100%)
Homens acima de 50	3 (23%)	1 (7,6%)	6 (46,1%)	3 (23%)	0	13 (100%)

Tabela 1 - O maior percentual foi de mulheres com 36 a 50 anos com pouco interesse no futebol feminino enquanto homens de 0 a 20 anos e 36 a 50 anos apresentaram o segundo maior percentual com interesse moderado.

A tabela 2 a seguir também faz a relação do sexo biológico e a faixa etária, porém com o nível de interesse em conhecer mais sobre o futebol feminino.

Tabela 2 – Demonstrativo em relação ao sexo biológico e a faixa etária com os níveis de interesse em conhecer mais sobre o futebol feminino.

	Nenhum interesse	Pouco interesse	Interesse moderado	Grande interesse	Extremamente interessado	TOTAL
Mulheres 0-20 anos	0	1 (20%)	0	2 (40%)	2 (40%)	5 (100%)
Mulheres 21-35 anos	8 (18,1%)	3 (6,8%)	14 (31,8%)	13 (29,5%)	6 (13,6%)	44 (100%)
Mulheres 36-50 anos	0	4 (57,1%)	3 (42,8%)	0	0	7 (100%)
Mulheres acima de 50 anos	3 (27,2%)	2 (18,1%)	2 (18,1%)	3 (27,2%)	1 (9%)	11 (100%)
Homens 0-20 anos	1 (33,3%)	0	0	2 (66,6%)	0	3 (100%)
Homens 21-35 anos	6 (14,6%)	11 (26,8%)	13 (31,7%)	7 (17%)	4 (9,7%)	41 (100%)
Homens 36-50 anos	0	1 (33,3%)	1 (33,3%)	1 (33,3%)	0	3 (100%)
Homens acima de 50 anos	3 (23%)	0	8 (61,5%)	1 (7,6%)	1 (7,6%)	13 (100%)

Tabela 2 – O maior percentual foi homens de 0 a 20 anos com muito interesse em conhecer mais sobre o futebol feminino, em seguida o percentual de homens acima de 50 anos com interesse moderado em conhecer mais sobre o futebol feminino e em terceiro o percentual de mulheres de 36 a 50 anos com pouco interesse em conhecer mais sobre o futebol feminino.

Resultados estatísticos

As variáveis do estudo foram submetidas ao teste de Kolmogorov-Smirnov para aferir a normalidade dos dados, e os resultados demonstraram que todas as variáveis submetidas não apresentaram normalidade na distribuição dos dados ($p \leq 0,05$).

Tabela 3 – *Teste Mann-Whitney para comparação de grupos*

Grupos	Valor p
1 Renda mensal e sexo	0,008
2 Praticava futebol e sexo	0,001
3 Interesse no futebol masculino e sexo	0,002
4 Fator de interesse no futebol masculino e sexo	0,007
5 Fator de interesse no futebol feminino e sexo	0,03
6 Interesse no futebol feminino e sexo	0,026

Nota: Apenas o sexo foi significativo estatisticamente nas comparações com as variáveis acima.

Os dados ainda foram submetidos a análises de correlação entre as variáveis, porém, todas as correlações encontradas foram fracas ou insignificantes.

Quando comparados os grupos renda e sexo, os resultados apontaram uma concentração de renda masculina entre 1.321,00 reais e 7.000,00 reais, já as mulheres tiveram uma distribuição entre 0 reais e 2.500,00 reais, porém ambos os grupos apresentaram uma média de renda mensal semelhante em torno de 1.321,00 reais.

Quanto aos grupos prática de futebol e sexo, os resultados obtidos mostraram que a média das mulheres nunca praticou futebol e a média dos homens já praticou, mas não pratica mais. A distribuição das mulheres ficou em nunca praticou ou se praticou não pratica mais, enquanto a dos homens ficou em já praticou, mas não pratico mais, pratica pouco e pratica regularmente.

Os grupos de interesse no futebol masculino e sexo apresentaram uma média feminina de interesse moderado e uma média masculina de grande interesse para o futebol masculino. A concentração de respostas das mulheres vai de pouco interesse a grande interesse e a concentração de respostas dos homens vai de interesse moderado a extremamente interessado.

Já para o objetivo principal do estudo, quando comparamos os grupos sexo e interesse no futebol feminino, a concentração de respostas do interesse é equivalente em ambos os sexos, tanto o homem quanto as mulheres apresentaram pouco interesse ou interesse moderado no futebol feminino.

Por fim, os grupos de fator de interesse no futebol masculino e feminino quando comparados com o sexo também apresentaram diferença significativamente estatística, a hipótese é que existiram muitas opções de fatores de interesse em ambos os sexos, e por isso, pode ter

contribuído para a diferença significativa entre os grupos.

Quando se trata o interesse dos homens no futebol masculino, eles preferem utilizar celular, internet e tv ou bares do que ir ao estádio pois o fator ingresso caro contribui para a audiência nesses locais, para as mulheres, o acesso a informação é o fator determinante de audiência. No futebol feminino o fator determinante para os homens é o acesso a informação de jogadoras, datas, locais e qualidade tática do jogo enquanto para as mulheres é o nível técnico/tático.

Nota-se que o estudo mostra um nível de interesse da população do Rio de Janeiro condizente com a situação atual dos clubes cariocas no principal campeonato do país. Com apenas um representante carioca na primeira divisão do campeonato brasileiro (CBF, 2023), a pesquisa revela que o interesse dos entrevistados corresponde a 50,8% para “pouco interesse” e “nenhum interesse” se somados os percentuais, 29,8% para “interesse moderado” e 19,1% para “grande interesse” e “extremamente interessado” se somados os percentuais.

Encontrou-se também que os principais fatores causadores para o nível de interesse no futebol feminino serem os encontrados foram o “acesso à informação” com 50,4% das respostas, “nível técnico/tático das jogadoras” com 40,4% das respostas, “nível profissional das jogadoras” com 31,3% e “acessibilidade para assistir os jogos” com 20,6% das respostas.

Através do presente estudo, tivemos a oportunidade de analisar as respostas do nível de interesse da população do Rio de Janeiro no futebol feminino. E apesar das ações que a CBF tomou, citado anteriormente nas páginas 16 e 17, atenta-se para os resultados do estudo o fato de que quando somados “nenhum interesse” e “pouco interesse” terem sido mais da metade das respostas mencionadas pelos entrevistados em relação ao futebol feminino. O que pode explicar no ano de 2023 a presença de apenas um time carioca na principal competição do país (CBF, 2023).

De acordo com os resultados da presente pesquisa as principais causas para esse nível de interesse no futebol feminino são o acesso à informação, que pode ser definido por data de jogos, campeonatos e nome/conhecimento de jogadoras, além de outras causas como nível técnico/tático das jogadoras, nível profissional das jogadoras e acessibilidade para assistir aos jogos. Com o aperfeiçoamento por parte dos clubes cariocas na questão das redes sociais das equipes femininas, o fator do acesso à informação, principal causa mencionada pelos entrevistados, poderá deixar de ser negativo para ser um fator potencializador do nível de interesse no futebol feminino, assim como ocorreu com a equipe do Corinthians em São Paulo (TOTH, 2022).

Além disso, para Gastaldo (2009), a mídia faz uma construção de interesse em volta de eventos esportivos como fazem com a copa do mundo masculina. Sendo assim, as emissoras de televisão aberta que detém os direitos dos campeonatos femininos têm a possibilidade de construir um interesse para essa modalidade, principalmente no Rio de Janeiro, já que os resultados do estudo mostram que a “acessibilidade para assistir aos jogos” foi outro dos principais fatores para o nível de interesse no futebol feminino ter sido baixo, e também, por ser a “televisão aberta” o meio mais mencionado pelos entrevistados no estudo para assistir

os jogos do futebol.

Segundo Costa (2022), os recursos financeiros são fatores importantes no desenvolvimento do futebol e o fato das mulheres receberem menos que os homens é uma das principais dificuldades para o crescimento da modalidade. Esse fator pode corroborar com o atual estudo, pois o nível profissional e técnico/tático de jogadoras são umas das principais causas para o interesse da população carioca no futebol feminino ser baixo, já que não há um investimento similar ao dos homens.

Os dados da pesquisa quando submetidos a correlação de variáveis, foi constatado que não houve correlação. Após a utilização do Teste de Mann-Whitney para comparação de grupos, apenas o sexo teve diferença estatisticamente significativa para a comparação com as variáveis renda, prática de futebol, interesse no futebol masculino, interesse no futebol feminino, fator de interesse no futebol masculino e fator de interesse no futebol feminino.

Não foram encontrados na literatura trabalhos que concordem ou discordem dos resultados obtidos a partir do Teste de Mann-Whitney para a comparação entre os grupos sexo com a outras variáveis renda, prática de futebol, interesse no futebol masculino, interesse no futebol feminino, fator de interesse no futebol masculino e fator de interesse no futebol feminino.

Sendo assim, o estudo confirma a hipótese levantada de que o interesse do público carioca no futebol feminino reflete a situação dos times femininos do Rio de Janeiro na competição de elite do país, tendo em vista o baixo interesse e a baixa presença de clubes cariocas na primeira divisão do campeonato brasileiro feminino no ano de 2023.

Para novos estudos indicamos pesquisas com objetivo de investigar o crescimento esportivo no futebol feminino dos clubes do Rio de Janeiro juntamente com o nível de interesse da população, para confirmar ou refutar a relação encontrada neste estudo.

Conclusão

Diante do estudo e dos resultados obtidos na investigação, averiguou-se o pouco nível de interesse da população da cidade do Rio de Janeiro no futebol feminino, o que pode ser relacionado com o desempenho esportivo dos times femininos cariocas no cenário nacional. Mesmo com a cidade do Rio de Janeiro possuindo 4 times com torcidas situadas no top 13 do ranking do país (MURITO; ZARKO, 2023), apenas um clube carioca participou do campeonato FEMININO A1 no ano de 2023 (CBF, 2023).

Apesar da CBF tomar medidas para que o futebol feminino possa crescer, fatores revelados pela presente pesquisa contribuem para o baixo interesse da população carioca no futebol feminino. O acesso à informação, o nível técnico/tático das jogadoras e a acessibilidade para assistir os jogos foram os fatores mais mencionados pelos entrevistados, tais fatores podem ser relacionados pelo que falam Costa (2022), Toth (2022) e Gastaldo (2009) e como esses fatores regulam o nível de interesse da população carioca no futebol feminino e consequentemente a evolução esportiva dos clubes femininos da cidade do Rio de Janeiro.

Diante do exposto, recomendamos que futuros estudos abordem essa relação do nível de interesse da população do Rio de Janeiro no futebol feminino com o desempenho esportivo dos clubes cariocas e quais fatores foram determinantes para esse interesse, sendo importante para verificar se os próximos trabalhos concordam ou discordam com a relação encontrada nessa pesquisa.

Referências

ALVES, Laura. **A mídia como agente operador do Direito**. Revista FIDES, v. 2, n. 1, 2011. Disponível em: <http://www.revistafides.ufrn.br/index.php/br/article/view/70/75>. Acesso em: 14 jun. 2023.

AQUINO, Rubim Santos Leão. **Futebol, uma paixão nacional**. Jorge Zahar Editor Ltda, 2002.

AZEVEDO, Mileane Andrade; DE SOUSA, Luciano Dias. **Empoderamento feminino: conquistas e desafios**. SAPIENS-Revista de divulgação científica, v. 1, n. 2, 2019. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/sps/article/view/3571>. Acesso em: 9 jun. 2023.

BACKES, Dirce Stein et al. **Grupo focal como técnica de coleta e análise de dados em pesquisas qualitativas**. O mundo da saúde, v. 35, n. 4, p. 438-442, 2011. Disponível em: <https://revistamundodasaude.emnuvens.com.br/mundodasaude/article/view/538>. Acesso em: 9 jun. 2023.

BERMUDES, Wanderson Lyrio et al. **Tipos de escalas utilizadas em pesquisas e suas aplicações**. Revista Vértices, v. 18, n. 2, p. 7-20, 2016. Disponível em: <https://editoraessentia.iff.edu.br/index.php/vertices/article/view/5912>. Acesso em: 9 jun. 2023.

BRASIL. Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941. **Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 17 abr. 1941.

BRASIL. Lei nº 11.458, de 30 de março de 2023. **Institui a estratégia nacional para o futebol feminino**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 31 mar. 2023.

CASTELLANI FILHO, Lino. Esporte e mulher. Periódicos UFSC, 1989. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/19616>. Acesso em: 30 maio. 2023.

CARRAVETTA, Elio. **Modernização da gestão no futebol brasileiro**. Editora AGE Ltda, 2006.

CHAVES, A. S. **O Futebol feminino: uma história de luta pelo reconhecimento social** [Versão electrónica]. Lecturas: Educación Física y Deportes, v. 12, n. 1, 2007. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd111/o-futebol-feminino.htm>. Acesso em: 20 maio. 2023.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL - CBF, 2023. **A plataforma da confederação de futebol do Brasil.** Disponível em: <https://www.cbf.com.br/futebol-brasileiro/competicoes/campeonato-brasileiro-feminino-a1/2023?phase=1660>. Acesso em: 13 jun. 2023.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. **Regulamento de Licença de Clubes.** Rio de Janeiro: CBF, 2021. Disponível em: https://conteudo.cbf.com.br/cdn/202108/20210809211154_597.pdf. Acesso em: 28 jun. 2023.

CONFEDERAÇÃO SUL-AMERICANA DE FUTEBOL. **Regulamento de Licença de Clubes.** Luque: CONMEBOL, 2018. Disponível em: <https://www.conmebol.com/wp-content/uploads/documents/reglamento-de-licencia-de-clubes-portugues.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2023.

COSTA, Luan Alves. **Por que se investe pouco no futebol feminino no brasil? Uma análise das disparidades em relação ao futebol masculino.** Repositório UFMS, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/bitstream/123456789/5553/1/Luan%20TCC%20-%20Vers%C3%A3o%20Final.pdf>. Acesso em: 30 maio. 2023.

FEDERAÇÃO DE FUTEBOL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - FFERJ. **A plataforma da federação de futebol do Rio de Janeiro.** Disponível em: <https://www.fferj.com.br/Pagina?refPagina=61>. Acesso em: 14 jun. 2023.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE FUTEBOL ASSOCIADO - FIFA. **A plataforma da federação internacional de futebol associado.** Disponível em: <https://www.fifa.com/fifaplus/pt/archive>. Acesso em: 18 jun. 2023.

FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DE FUTEBOL ASSOCIADO - FIFA. **Estratégia de Futebol Feminino.** Zurique: FIFA, 2018. Disponível em: <https://digitalhub.fifa.com/m/19f3002da-57424df/original/Estrategia-de-Futebol-Femenino.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2023.

FRANZINI, Fábio. **Futebol é “coisa para macho?”: Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol.** Revista brasileira de história, v. 25, p. 315-328, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbh/a/nTrFPPWwPkMTKPMmBmtRwC-c/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 20 maio. 2023.

GASPARETTO, T. M. **Relação entre custo operacional e desempenho esportivo: análise do campeonato brasileiro de futebol.** Revista Brasileira de Futebol (The Brazilian Journal of Soccer Science), v. 5, n. 2, p. 28-40, 2013. Disponível em: <https://www.rbf.ufv.br/index.php/RBFutebol/article/viewFile/106/102>. Acesso em: 22 jun. 2023.

GASTALDO, Édison. “**O país do futebol**” mediatizado: mídia e Copa do Mundo no Brasil. *Sociologias*, p. 353-369, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/soc/a/VsT-MZSGjm583CGxKDYnRmxb/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 14 jun. 2023.

GIGLIO, Sérgio Settani. **Futebol: mitos, ídolos e heróis**. 2007. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/Busca/Download?codigoArquivo=470591>. Acessado em: 14 jun. 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOELLNER, Silvana Vilodre; KESSLER, Cláudia Samuel. **A sub-representação do futebol praticado por mulheres no Brasil: ressaltar o protagonismo para visibilizar a modalidade**. *Revista Usp*, n. 117, p. 31-38, 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/148685>. Acesso em: 18 jun. 2023.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulheres e futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências**. *Movimento*, v. 27, 2021. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/110157>. Acesso em: 30 maio. 2023.

GÓES, Fábio; MACHADO, Fernanda. **A mulher e o mercado de trabalho: permanência e perspectivas**. *Revista eletrônica [do] Tribunal Regional do Trabalho da 9ª Região*, Curitiba, v. 10, n. 99, p. 48-64, maio 2021. Disponível em: https://juslaboris.tst.jus.br/bitstream/handle/20.500.12178/189686/2021_goes_fabio_mulher_mercado.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 20 maio. 2023.

LOURENÇO, Otávio Bonjiovane et al. **A cobertura jornalística das copas de 2019 no Globoesporte.com: indícios da midiatização do futebol de mulheres**. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 44, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbce/a/Y9cY3z9bDKpD8XcST383pry/?lang=pt>. Acesso em: 14 jun. 2023.

MOREL, M.; SALLES, J. G. C. **Futebol feminino**. *Atlas do esporte no Brasil*. CONFED: Atlas do esporte no Brasil. Rio de Janeiro: CONFED, p. 8264-8265, 2006. Disponível em: <http://www.atlasesportebrasil.org.br/textos/53.pdf>. Acesso em 26 jun. 2023.

MURITO, Bruno; ZARKO, Raphael. Maiores torcidas do Brasil: pesquisa Atlas mostra Flamengo, Corinthians e São Paulo no top 3. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/noticia/2023/04/25/maiores-torcidas-do-brasil-pesquisa-atlas-mostra-flamengo-corinthians-e-sao-paulo-no-top-3.ghtml>. Acesso em: 13 jun. 2023.

OLIVEIRA, Alex Fernandes. **Origem do futebol na Inglaterra no Brasil**. RBFF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol, v. 4, n. 13, 2012. Disponível em: <http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/154>. Acesso em: 20 maio. 2023.

EINSTEIN. **Os benefícios da prática do futebol**. 2018. Disponível em: <https://www.einstein.br/noticias/noticia/os-beneficios-pratica-futebol>. Acesso em: 14 jun. 2023.

RIBEIRO, Yuri; MEZQUITA, Luis; DEL VECCHIO, Fabrício. **Revisão sistemática dos efeitos do futebol recreacional em adultos não atletas**. Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde, v. 18, n. 6, p. 655-655, 2013. Disponível em: <https://rbafs.emnuvens.com.br/RBAFS/article/view/3301>. Acesso em: 14 jun. 2023.

RUBIO, Katia; SIMÕES, Antônio Carlos. De **espectadoras a protagonistas-A conquista do espaço esportivo pelas mulheres**. Movimento, v. 5, n. 11, p. 50-56, 1999. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2484>. Acesso em: 30 maio. 2023.

SALVINI, Leila; JÚNIOR, Wanderley Marchi. **Uma história do futebol feminino nas páginas da Revista Placar entre os anos de 1980-1990**. Movimento, v. 19, n. 1, p. 95-115, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1153/115325713006.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2023.

SANTOS, M. A. F. **A Escrita Perfeita de TCC e Monografia Sem Stress e Sem Ódio!: Em Pouco Tempo com o mínimo de esforço e o máximo de eficiência**. 1. ed. Rio de Janeiro, 2023.

SILVA, Cláudio Vicente Di Gioia Ferreira; CAMPOS FILHO, Luiz Alberto Nascimento. **Gestão de clubes de futebol brasileiros: fontes alternativas de receita. Sistemas & Gestão**, v. 1, n. 3, p. 195-209, 2006. Disponível em: <https://www.revistasg.uff.br/sg/article/view/SGV1N3A2>. Acesso em: 30 maio. 2023.

SOUZA, Yuri Dornelas; DOS SANTOS, Doiara Silva. **A supremacia do futebol feminino estadunidense: Indicadores qualitativos de sucesso esportivo**. RBFF-Revista Brasileira de Futsal e Futebol, v. 14, n. 59, p. 383-390, 2022. Disponível em: <http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/1011>. Acesso em: 14 jun. 2023.

SUGIMOTO, Luiz. **Eva Futebol Clube**. Jornal da Unicamp, São Paulo: Campinas, 2003. Disponível em: https://www.unicamp.br/unicamp/unicamp_hoje/jornalPDF/211-pag12.pdf. Acesso em: 20 maio. 2023.

TEIXEIRA, Fábio Luís Santos; DE OLIVEIRA CAMINHA, Iraquitã. **Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática**. Movimento, v. 19, n. 1, p. 265-287, 2013. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/30943>. Acesso em: 19 maio. 2023.

TOTH, Henrique. Profissionalização e investimento até em redes sociais: como o Corinthians virou potência no futebol feminino. Disponível em: <<https://ge.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/2022/09/25/profissionalizacao-e-investimento-ate-em-redes-sociais-como-o-corinthians-virou-potencia-no-futebol-feminino.ghtml#>>. Acesso em: 30 mai. 2023.

CULTURA FUTEBOLÍSTICA DO GÊNERO FEMININO E OS PRECONCEITOS PARA A PRÁTICA DO ESPORTE: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Pedro Henrique Magalhães do Nascimento

Jefferson Campos Lopes

Introdução

Os eventos desportivos de meados do século XX dirigidos ao público feminino centraram-se na promoção e manutenção de corpos “femininos” e saudáveis. Num contexto em que a sociedade brasileira passa por uma renovação demográfica, o exercício físico tem o efeito de melhorar a força física e a saúde, atributos que formam mães fortes e férteis que podem dar à luz a filhos mais fortes e saudáveis (MOURÃO, 2000).

Entretanto, algumas ações práticas não eram indicadas para mulheres, onde afirmava que somente poderia ser realizados aqueles exercícios que visavam valorizar as características femininas, como o refinamento do corpo e dos gestos, sem contato direto com o oponente e não prejudicando seu desenvolvimento anatômico e fisiológico, como dança, ginástica e natação (GOELLNER, 1999; 2003; 2005).

Ainda, “Nos anos 30 e 40, a associação entre o autoritarismo político e as ideias e ideais da eugenia fazia do corpo uma questão de Estado e o colocava na ordem do dia” (FRANZINI, 2005, p. 321).

No Brasil, além das formas indiretas de restrição à prática esportiva feminina, foi promulgado o Decreto nº 3.199, de 1941, cujo artigo 54 dispõe: “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos (CND) baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país” (CDB, 1941).

Com isso, tornam-se perceptíveis algumas ações que diferem as práticas esportivas, especificamente o futebol, ao público feminino, dando notoriedade apenas às suas características, e não ao seu desejo da prática dentro da sociedade.

Revisão da literatura

O futebol para homens/ mulheres e suas considerações sociais

O mundo do futebol tem sido caracterizado por um espaço distintamente masculino desde

o seu nascimento. Não é apenas um espaço desportivo, mas também um espaço sociocultural repleto de valores, que estabelecem limites e aderem sempre a esses limites para manter perfeitamente a “ordem”, ou “lógica” do espaço desportivo, onde a sociedade visa as mulheres que entram neste espaço como algo que pode perturbar essa ordem (FRANZINI, 2005).

Ainda, de acordo com o mesmo autor acima, cita que as mulheres são excluídas do futebol desde o início e que sua exclusão é sempre justificada por não possuírem valores como força, destreza, velocidade, resistência e perseverança ou qualidade física. Esses valores sempre pertenciam apenas aos homens. Essa perspectiva determinista considera os fatores biológicos como condições determinantes para a prática atlética.

Levamos em conta algumas construções culturais e fatores de seleção para cada gênero. Os homens são considerados ativos, autoritários, agressivos, atléticos, fortes (fisicamente), independentes e masculinos, enquanto as mulheres são consideradas passivas, focadas, elegantes e doces, atraentes, vaidosas, visíveis e submissas (OLIVEIRA, 1996).

Nesse teor, a cultura é um fator importante para gerar resistência no ambiente familiar porque meninos e meninas são incentivados a se comportarem de maneira diferente desde cedo, ou seja, as meninas devem brincar com bonecas e os meninos com carros. Portanto, essas diferenças passam a fazer parte da educação das pessoas desde os primeiros anos de vida (KNIJNIK; VASCONCELOS, 2003).

Sabendo que o esporte é parte integrante de uma sociedade, estes interesses podem ser claramente identificados de diversas maneiras através da funcionalização, socialização, ideologização, mercantilização e espetacularização do desporto. Ao abordar o desporto, neste caso o futebol, através de qualquer uma destas abordagens, é possível refletir criticamente sobre este fenômeno social sem perder de vista a interpenetração destas abordagens (PIRES, 1998).

A razão para a restauração do esporte não é apenas porque as mulheres pertencem, mas porque a sociedade ainda associa o futebol a um espaço reservado aos homens, excluindo assim o futebol as mulheres que são socialmente consideradas sem competências motoras e força atlética (ALTMANN, 2002).

O futebol, a nível cultural, considera-se como um fenômeno importante, em todo o mundo, ocasionando interesse, paixão e sensações (PAIM, 2004). Segundo o mesmo autor, o futebol iniciou-se no século XIX, em 1863, pela Associação de Futebol da Inglaterra, sendo o país intitulado como pioneiro. Com isso, o futebol foi e continua sendo um elemento importante da cultura brasileira, “como um fenômeno social que sempre esteve muito alinhado com a forma como a sociedade se organiza, bem como com outros elementos da cultura popular – carnaval, arte, música e outros (RINALDI, 2000).

O futebol feminino - Sua história no Brasil e fora dele

O contexto histórico do futebol feminino se atrela ao futebol mundial, a qual via-se a prática como ato recreativo pelos operários, pois, para a realeza só poderia ser um esporte, caso

houvesse semelhança a combates (OLIVEIRA, 2012).

Em 1894, após um anúncio de um jornal britânico, por meio da mulher Nettie Honeyball, citando que haveria vagas para um time de futebol, cerca de 30 mulheres apareceram, e assim criou-se o British Ladies Football.

De acordo com Moura (2003) referente a dados coletados da FIFA (*Fédération Internationale de Football Association*), possivelmente, os primeiros jogos tenham surgido em 1880, no entanto, Moura cita através do livro de Murray (2000), que em 1895, em Londres, na Inglaterra, a equipe de Nettie Honeyball separou duas equipes, sendo norte e sul, realizando uma partida a qual teve seu resultado definido em 7x1 a favor da equipe do norte, todavia, em 1898, ocorreu uma partida entre as seleções da Inglaterra e Escócia.

Ao ponto que o esporte foi se propagando, no ano de 1904, nasceu a FIFA (*Fédération Internationale de Football Association*), responsável por garantir o cumprimento das regras e suas demandas esportivas (PAIM, 2004).

Em 1921, sofrendo pressão por parte do conservadorismo ao parlamento britânico, a fim de tornar o futebol feminino uma prática ilegal, com o final da guerra, as mulheres deveriam retornar as suas funções ditas pela sociedade, abdicando da prática do esporte (SILVA, 2019)

Em 1982, ocorreu a introdução do futebol feminino, na Alemanha, Brasil e Estados Unidos. Entretanto, em 1991 ocorreu o primeiro mundial de futebol feminino, na China (DOS SANTOS; BANDEIRA, 2009).

No Brasil, desde a sua chegada no país, o futebol foi considerado um esporte elitista e exclusivo para pessoas de famílias abastadas de bairros cariocas e paulistas. O esporte era praticado em colégios caros, frequentados por homens ricos e brancos. Nesse período, o futebol possuía um caráter segregativo, sendo vinculado ao aspecto de gênero, classe e raça. Aos pobres, negros e mulheres, a prática não era permitida” (BROCH, 2021, p. 697). Com sua irreverência e identidade, o Brasil é notado como o “país do futebol” reconhecido por figuras históricas como, Pelé e Zico (GASTALDO et. al., 2005).

Analisando o viés para o futebol feminino, a participação da mulher nesse esporte obriga a olhar para o fator resistência, assim como as barreiras que foram impostas à presença feminina no campo. Compreende-se que setores da sociedade entendem que a “inserção das mulheres nos gramados será algo que diminuirá o brilho do esporte” (MOURÃO; MOREL, 2005, p. 12).

O preconceito e o realismo no futebol feminino

Recentemente, aumentou o número de mulheres envolvidas nos territórios. O conceito de masculinidade tem sido reconceptualizado como resultado da perspectiva feminista, o que levou a uma nova dinâmica na sociedade que se caracteriza principalmente pela diminuição das diferenças de gênero (RAGO, 2007; BATISTA, DEVIDE, 2009).

Ao longo do tempo, é notório a baixa valorização do futebol feminino desde sua constituição, e é preciso lembrar que a resistência ao futebol feminino na sociedade brasileira é diver-

sa e possui diferentes dimensões históricas, socioculturais e políticas. Na perspectiva do sexismo, há preconceitos dentro e fora de campo, proibições legais, falta de infraestrutura básica de treinamento, oportunidades, patrocínios e valores salariais desiguais entre jogadores de times masculinos e femininos. O esporte brasileiro sempre foi pautado por relações desiguais entre classe e gênero (BROCH, 2021).



Figura 1. Fala preconceituosa do Assistente Técnico do Ministro da Educação - Iguesil Marinho.

Fonte. Ge.globo.com (2021).

Assim, consideramos que o preconceito se manifesta caso a condição compulsória da sexualidade seja desrespeitada, isto é, quando as expectativas pré-concebidas sobre cada gênero são infringidas, desencadeando mecanismos de supressão e proibição que remetem ao anormal (TEIXEIRA; CAMINHA, 2013, p. 268).

A mulher sempre foi vista em uma posição de submissão e fragilidade - intelectual e física - em relação ao homem. Sendo o futebol constituído no imaginário social como um espaço voltado para as práticas sociais masculinas, o que resultou em uma prática esportiva identitária que possui resistência, ainda maior do que os outros esportes, à prática feminina” (MOURÃO; MOREL, 2005, p. 7).

Prova do enredo inicial e refletido como preconceituoso, foi em 1941, quando o Conselho Nacional do Desporto proibiu as mulheres de jogar futebol por meio do Decreto 3.199, regulamentado no artigo 54. O decreto foi revogado após o fim da ditadura em 1979 e o Conselho Nacional do Desporto foi forçado a levantar a proibição do futebol feminino, mas as ações estruturais para desenvolver o futebol feminino continuaram a ser muito difíceis. As federações esportivas e clubes de futebol do Rio de Janeiro, de São Paulo e de outros estados limi-

taram-se a criar times femininos para mulheres que desejam jogar futebol, sem oferecer quaisquer incentivos sociais (GOELLNER, 2005).



Figura 2. Decreto-lei de 14 de abril de 1941 - Governo Getúlio Vargas.

Fonte. Terra.com.br (2021).

Percebe-se que o machismo no Brasil existe desde tempos remotos e ainda pode ser percebido mesmo com todos os avanços sociais e tecnológicos. Apesar dos resultados percebe-se que “hoje em dia, o preconceito em relação à mulher que joga futebol, é quase o mesmo” (REIS, 1997, p. 127). Este contexto mostra que inúmeras ações ainda serão enfrentadas, para que o futebol feminino se desenvolva. Visto isso, vincula-se o esporte a uma mulher forte e destreza, contrariando o sentido de feminilidade (COSTA, 2014).

Entende-se na contextualização o sinônimo de que a mulher carregaria o símbolo de homossexualidade, pois, sua prática traz essa ideia, ocasionando a exclusão do esporte (COSTA, 2014). E neste teor, encontrar mulheres que jogavam futebol na época da escola com os meninos e sempre ouviam comentários preconceituosos e com os mesmos teores: “(...) mulher-macho! Vai jogar bola com os homens! Sapatão! Não pode jogar bola! (...)” (REIS, 1997, p. 127).

Martins e Moraes (2007) afirmam que o futebol é um dos esportes mais praticados no mundo. A sua história, a participação midiática, a sua integração em diferentes culturas, o interesse comercial associado às equipes e o sucesso dos campeonatos locais e globais demonstraram que isto é verdade ao longo do tempo.

Entretanto, Segundo Gabriel e Júnior (2016), apesar de ocupar grande espaço na mídia, o futebol ainda é ao mesmo tempo um dos campos que promove continuamente grande desigualdade entre homens e mulheres.

Dentro deste panorama, as mulheres ao adentrar neste cenário inúmeras vezes são vistas com olhares tendenciosos, pois, estar em um ambiente relativamente masculino traz consigo algo considerado “não natural” e assim, são caracterizadas com termos pejorativos que fogem

da realidade e tendência falas preconceituosas como relatada em uma entrevista realizada por (CORRÊA, 2022):

Desde pequena eu tenho esse meu estilo, eu não sou afeminada, eu nunca fui de vestir roupa de menina até uma certa idade. A minha mãe, antes de eu começar a me relacionar com o meu namorado, ela falou que tinha quase certeza que eu era lésbica ou bissexual, justamente pelo meu jeito. As pessoas ficavam me chamando de mulher macho, molequinho, só por conta do meu jeito não “afeminado”, mas eu também nunca liguei muito pra isso.

Ainda, essa concepção de não feminilidade se atribui historicamente em outro relato de entrevista da mesma autora acima, a qual citava:

Se a gente for olhar pra minha infância, eu brinquei de boneca até certo tempo, depois é óbvio que você vê os meninos jogando “tampinha”, bola de gude, isso vai ser bem mais legal do que ficar penteando o cabelo de uma boneca. Então, pra mim, era o tempo todo na rua, jogando bola, empinando pipa, jogando tampinha, jogando gude... E aí por isso me chamavam de moleque macho, maria João e outros apelidos.

Prosseguindo, quando se reflete sobre ações que promovem a ideia de feminilidade, configurando o relato de uma atleta entrevistada pela mesma autora cita que:

Eu acho que, no geral, é um espaço muito bom, mas ainda tem coisas que incomodam um pouco às vezes. Por exemplo, short curto me incomoda muito e aqui é assim, é o padrão. Eu não posso, por exemplo, usar uma bermuda preta pra não destoar tanto do uniforme. Mas aí não tem um calção de uniforme. Se tivesse um calção de uniforme, eu iria adorar o uniforme, mas não tem, só tem o shortinho.

Neste teor, alguns informativos e narrativas citam a caracterização da percepção dos pais ao esporte, como cita a fala de uma atleta, na pesquisa de Furlan e Oliveira (2023, p. 6):

Comecei a jogar futebol na rua com amigos e muitas vezes me chamavam ‘Maria Macho’ por ser a única menina que jogava futebol na rua. Tanto na família quanto na escola. Depois comecei a praticar o futsal na Universidade na posição de goleira e ainda ouço muitos estereótipos e preconceitos tanto na questão de gênero porque ainda existem pessoas que acham que futebol/futsal é esporte para homens praticarem. Alguns ‘amigos’ me chamam de ‘sapatão’ por jogar futsal até hoje. Meus pais às vezes brigavam comigo porque achavam que isso não era modalidade para mim e me repreendiam muitas vezes dizendo para eu me ‘comportar como uma menina’. Tenho um irmão e meus pais sempre compravam os equipamentos que ele precisava para participar dos eventos esportivos da escola (chuteira, camisas, shorts, caneleiras) e quase nunca me ajudavam a pagar ao menos a inscrição. Aí, depois que entrei na Universidade, comecei a fazer um estágio remunerado e eu mesma comecei a me ‘banciar’ no esporte [...].

Refletindo a respeito, Gâmbôa (2019) cita que por inúmeras situações o incentivo não provém da figura feminina no lar, pois ainda detém no modelo de cultura introjetada no contexto social da mulher.

No terreno dos gêneros e da sexualidade, o grande desafio, hoje, parece não ser apenas aceitar que as posições se tenham multiplicado, então, que é impossível lidar com elas a partir de esquemas binários (masculino/feminino, heterossexual/homossexual). O desafio maior

talvez seja admitir que as fronteiras sexuais e de gênero vêm sendo constantemente atravessadas e o que é ainda mais complicado admitir que o lugar social no qual alguns sujeitos vivem é exatamente a fronteira. A posição de ambiguidade entre as identidades de gênero e/ou sexuais é o lugar que alguns escolheram para viver (LOURO, 2008, p. 21).

Barlem et al (2020) cita que variavelmente os meninos e meninas iniciam a prática esportiva juntos, porém ao longo do tempo, por questões e crivo da sociedade a identificação do esporte se traduz ao esse é mais masculino e aquele é mais feminino.

São evidentes opiniões fortes em relação à prática do futebol feminino, opiniões estas associadas a aspectos de saúde, maternidade, razões estéticas e feminilidade. Por vezes a prática é considerada violenta e prejudicial ao corpo feminino, opiniões estas associadas à prática do futebol, que é considerado desproporcional e não destinado às mulheres (ROQUE, 2020).

Em outro quesito, podemos citar que o futebol se alinha ao mercado e a publicidade, veiculado de forma massiva nas mídias, onde de acordo com Gastaldo et. al (2005 p. 7) a mídia toma posse do esporte, analisando-o e percebendo-o como uma “forma de mercado emergente que gira em torno da comunicação, e isto se torna um espetáculo a ser expectado, no intuito de tornar amplo o consumo dos apaixonados pelo esporte”.

Todavia, algo não muito comum, ou pouco apresentado, é o futebol feminino nas mídias, como já citava Knijnik e Vasconcelos (2003) que a cobertura do esporte feminino na mídia é caracterizada pela banalização e pela sexualização. O que engloba o talento esportivo dos envolvidos no futebol feminino. Ainda assim, o mesmo autor afirma reconhecer que esta atenção midiática dedicada ao desporto feminino é o que causa a atual falta de poder ou diminuição do desporto feminino.

Dentro dessa perspectiva de tornar popular o futebol feminino no contexto midiático, as questões de gênero têm ligação com pauta do movimento feminista, onde:

O feminismo tem um papel fundamental para que o protagonismo feminino no futebol seja reconhecido [...]. Há uma necessidade de legitimação e pertencimento acentuada porque o futebol, desde que começou a ser praticado, carrega valores e aspectos androcentristas, que se afirmam através de cantos e gestos usuais das torcidas, que buscam sempre exaltar “atributos masculinos de potência, viralidade”, e isso dificulta ainda mais a inserção da mulher como figura atuante e legitimada na torcida e prática futebolística (SBRISIA, 2020, p. 27).

Metodologia

A proposta deste capítulo se configura dentro de uma ação de cunho de pesquisa bibliográfica onde se configura [...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos e páginas de websites (FONSECA, 2002, p. 32). Nesta proposta buscamos artigos com os descritores que versavam sobre: preconceito, gênero, desigualdade no futebol feminino, utilizando como critério de seleção, artigos, monografia, dissertação e teses de doutorados. Assim, foram selecionados dez trabalhos com os descritores já supracitados, porém, quatro trabalhos estiveram corro-

borados com a proposta. Houve como princípio buscar trabalhos dos anos de 2016 a 2023, no qual foi analisado e discutido para enfatizar a ação da proposta.

Resultados e discussões

Quadro 1. Artigos selecionados para composição da proposta.

ANO	AUTOR	TEMA	OBJETIVO	CONCLUSÃO
2023	FURLAN e OLIVEIRA	“LUGAR DE MULHER E ONDE ELA QUISER”: FUTEBOL FEMININO E (IN)VISIBILIDADES DAS MULHERES NO CENÁRIO BRASILEIRO	REFLETIR SOBRE A VISÃO DAS MULHERES QUE PRATICAM FUTEBOL	FALTA DE INCENTIVO E O PRECONCEITO
2017	TRAJANO et al.	TIME AMADOR JUVENIL DE FUTSAL FEMININO DE BARRA DO GARÇAS - MT: ROMPENDO LIMITAÇÕES NA CONSTRUÇÃO DO GÊNERO MULHER.	OBJETIVO DESTES ESTUDOS FOI DE ENTENDER COMO ATLETAS DO TIME AMADOR JUVENIL DA CIDADE DE BARRA DO GARÇA COMPREENDIAM DETERMINADOS ASSUNTOS SOCIAIS VOLTADOS AO FUTEBOL FEMININO	PRECONCEITO INERENTE AO ESPORTE, MAS SIM PELO IMAGINÁRIO SOCIAL QUE APENAS MASCULINIZA O FUTEBOL.
2017	SOUZA, CAPRARO e SILVA	HABILIDOSAS E BONITAS: AS CONSIDERAÇÕES DE DUAS ATLETAS DE FUTEBOL SOBRE A FORMAÇÃO DE SUAS IDENTIDADES	IDENTIFICAR COMO SE POSICIONAM ATLETAS DE FUTEBOL FEMININO COM LONGA VIVÊNCIA NA MODALIDADE E QUE ENTÃO, EM ALGUNS ASPECTOS DESRESPEITAM NORMAS DE GÊNERO.	AÇÕES QUE PREJUDICAM NA CONSOLIDAÇÃO DO FUTEBOL FEMININO POR MEIO DE PRESSÕES EXERCIDAS.
2016	SALVINI e MARCHI JÚNIOR	“GUERREIRAS DE CHUTEIRAS” NA LUTA PELO RECONHECIMENTO: RELATOS ACERCA DO PRECONCEITO NO FUTEBOL FEMININO BRASILEIRO	DESCREVER E ANALISAR RELATOS ACERCA DAS DIFICULDADES E MOTIVAÇÕES ENFRENTADAS POR JOGADORAS DE FUTEBOL NO BRASIL.	FALTA DE INCENTIVO E O PRECONCEITO

Fonte. Autores (2023).

Na pesquisa realizada por Furlan e Oliveira (2023) por meio de um questionário, ao indagar as ações, as entrevistadas citam que existem sim preconceito sendo ele, 90% do total de entrevistadas afirmando 39% para relações de machismo, outros 39% para homossexualidade e outros 12% não informado quais tipos. Essa ação vai de encontro ao autor Knijnik (2014) que retrata ponto de distanciamento do conceito ser feminino, masculinização da mulher no esporte e homossexualidade ou associação do termo. Nos estudos de Salvini e Marchi Junior (2016) através de uma pesquisa realizada com jogadoras amadoras que já tiveram passagens pela seleção brasileira, deixou claro ações de falta de incentivo e preconceito, do teor a seguir: “É complicado às vezes quando perguntam o que você faz [...] em primeiro lugar sou atleta e depois professora de Ed. Física, aí as pessoas perguntam joga o que? Futebol, “ah legal”! Muitas vezes você ouve um legal não muito legal, mas isso nunca o afetou. Eu nem vou me estender muito com relação a isso porque o preconceito é tudo aquilo que as pessoas não entendem, não sabem e não vivem” (SALVINI; MARCHI JÚNIOR, 2016, p. 304).

Corroborando as hipóteses anteriores, um estudo recente de 2017, conduzido por Trajano et al. (2017), relatou a idade de 15 anos, as participantes do estudo eram todas mulheres da seleção juvenil feminina de futebol amador da cidade de Barra do Garças, na qual a participante afirmou que ao sair do jogo e tirar o uniforme, ela ouviu pessoas comentando sobre ela: “Nossa, igual a um homem”. Seguindo o relato abaixo:

Quando participava de jogos Regionais, a nossa seleção sempre sofria discriminações. Nos chamavam de “sapatão”, “mulher-macho”, dentre outros apelidos pejorativos, sempre relacionados com nossa sexualidade (Marta) (TRAJANO et al., 2017, p. 81).

Atravessando inúmeras barreiras, nos estudos de Souza; Capraro e Silva (2017) em suas investigações revelou pesquisa o caso de duas ex-atletas da seleção brasileira de futebol feminino, Dayane de Fátima da Rocha e Marina Toscano Aggio de Pontes, que discutiram os desafios que encontraram em suas carreiras em relação ao estresse associado às normas de gênero em relação ao seu corpo, roupas e comportamento.

[...] a mídia influencia muito a relação mulher e esporte. Então ela quer juntar todos esses fatores, mas, na realidade, isso é muito diferente, porque a ‘mulher esporte’ [...] não é bonita, não é maravilhosa e não usa salto, apesar do lindo corpo que ela tem [...]. (Marina Toscano Aggio de Pontes). (SOUZA; CAPRARO; SILVA, 2017, p. 889);

[...] Lembro assim até hoje que muitas vezes meu pai saiu na porrada com outros pais porque eles falavam ‘É, menina tem que estar ajudando a mãe lavar louça, única coisa que sabe fazer é crochê’. Foi uma época em que sofri preconceito e isso afetou a minha família muitas vezes [...]. (Dayane de Fátima da Rocha) (SOUZA; CAPRARO; SILVA, 2017, p. 888).

Fluxograma

Falas preconceituosas que descredibilizam a mulher



Senso de Masculinização no esporte



A mídia ainda em estado emergente ao futebol feminino



Falta de incentivo e apoio amplo ao esporte

Conclusão

Concluimos, entendendo e situando que o futebol feminino historicamente passou e tem passado por muitas ações invariáveis de estabelecer o esporte firmado e livre de julgamento no âmbito social, visualizando fatos que ainda reverberam um cenário ainda preconceituoso e masculinizado sobre essas atribuições, com comparações demasiadas. Assim, percebe-se que a mídia ainda é emergente, falas preconceituosas são ditas e algumas representações sociais ainda são mantidas. Sabe-se que o viés do futebol feminino está diferente do que era antes, porém, ainda longe do prestígio e reconhecimento se comparado ao futebol masculino, e seu estigma social ainda é acentuado.

Referências

ALTMANN, HELENA. **Exclusão nos esportes sob um enfoque de gênero**. Motus Corporis. Rio de Janeiro, volume 9 número1. 2002, pp.9-20.

BARLEM, CÍNTIA. **A importância do primeiro jogo oficial de futebol feminino há 133 anos**. Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/blogs/dona-do-campinho/post/2018/03/23/aimportancia-do-primeiro-jogo-oficial-de-futebol-feminino-ha-133-anos.ghtml>. Acesso em: 25 setembro de 2023.

BARLEM CINTIA. DUARTE, KARIN. DILLON, LORENA. De menino ou de menina? Série do Tá na Área debate gênero no esporte e tabus quebrados. Globo Esporte – GE, Rio de Janeiro, 03 de dez. de 2020. Disponível em: <https://ge.globo.com/olimpiadas/noticia/de-menino-ou-de-menina-serie-do-ta-na-area-debate-genero-no-esporte-e-tabus-quebrados-ao-longo-do-tempo.ghtml>. Acesso em: 05 de setembro de 2023.

BATISTA, RENATA SILVA. DEVIDE, FABIANO PRIES. **Mulheres, futebol e gênero: reflexões sobre a participação feminina numa área de reserva masculina**. EFDeportes. com, Buenos Aires, v. 14, n. 137, 2009.

BROCH, MARINA. **Histórico do futebol feminino no Brasil: considerações acerca da desigualdade de gênero**. Temporalidades – Revista de História, v. 13, n. 1, p. 695-705, jan./jun. 2021.

CÂMARA DOS DEPUTADOS DO BRASIL. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br>>. Acesso em: 23 de Setembro de 2023.

CORRÊA, JÚLIA MARQUES DE SOUZA. “Mulher macho?”: preconceito de gênero e futebol feminino. 2022.

COSTA, LEDA MARIA DA. **Beauty, effort and talent: a brief history of Brazilian women’s soccer in press discourse**. Soccer and Society, v. 15, n. 1, p. 81-92, 2014.

COSTELLA, ANTONIO. **Comunicação – do grito ao satélite (história dos meios de comunicação)**. São Paulo: Editora Mantiqueira, 2001. 139 p.

DECRETO-LEI QUE PROIBIU O FUTEBOL FEMININO COMPLETA 80 ANOS; COMO FOI E AS CONSEQUÊNCIAS NA MODALIDADE. TERRA.COM.BR, 2021. Disponível em: <https://www.terra.com.br/esportes/lance/decreto-lei-que-proibiu-o-futebol-feminino-completa->

-80-anos-como-foi-e-as-consequencias-na-modalidade,4f03dce6ec320598cc33ff4e137ebe-3foqk35f1h.html?utm_source=clipboard. Acesso em: 25 setembro de 2023.

DECRETO-LEI QUE PROIBIU O FUTEBOL FEMININO COMPLETA 80 ANOS; COMO FOI E AS CONSEQUÊNCIAS NA MODALIDADE. GE.GLOBO.COM, 2021. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/futebol-feminino/noticia/decreto-lei-de-proibicao-da-pratica-do-futebol-por-mulheres-completa-80-anos.ghtml>. Acesso em: 25 setembro de 2023.

FONSECA, JOÃO JOSÉ SARAIVA DA. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FURLAN, CÁSSIA CRISTINA. DE OLIVEIRA, MAYARA TEODORO. “**Lugar de mulher é onde ela quiser**”. **Futebol feminino e (in) visibilidades das mulheres no cenário brasileiro**. *Esporte e Sociedade*, n. 37, 2023.

FRANZINI, FÁBIO. **Futebol é “coisa para macho”? : pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol**. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 25, n. 50, p. 315-328, 2005.

GABRIEL, BRUNO JOSÉ. FREITAS JÚNIOR, MIGUEL ARCHANJO DE. **O discurso acerca da seleção brasileira presente na Folha de S. Paulo durante o ano de realização da “Germany World Cup”**. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, v. 30, p. 371-383, 2016.

GAMBÔA, THAINÁ CHAUL BITTENCOURT. **As dificuldades encontradas no futebol feminino: uma visão de atletas**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física). Faculdade de Ciências da Educação e Saúde. Centro Universitário de Brasília – UniCEUB, Brasília, 2019, 26 f.

GASTALDO, ÉDISON LUIS et. al. **Futebol, mídia e sociabilidade. Uma experiência etnográfica**. *Cadernos IHU Ideias*, São Leopoldo, ano 3, n. 43, 2005.

GOELLNER, SILVANA VILODRE. **Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades**. *Revista Brasileira Educação Física Esporte*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

GOELLNER, SILVANA VILODRE. **Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história**. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2005.

GOELLNER, SILVANA VILODRE. **O esporte e a espetacularização dos corpos femininos**. Labrys: Estudos Feministas, Florianópolis, n. 4, ago./dez. 2003.

GOELLNER, SILVANA VILODRE. **Imperativos do ser mulher**. Motriz. Journal of Physical Education. UNESP, p. 40-42, 1999.

LOURO, GUACIRA LOPES. *Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas*. Pro-posições, v. 19, ed. 02, p. 17-23, 2008.

KNIJNIK, JORGE. Gendered barriers to **Brazilian female football: 20th century legacies**. In: HARGREAVES, JENNIFER; ANDERSON, ERIC. ROUTLEDGE Handbook of Sport, Gender and Sexuality. New York: Routledge, 2014. p. 121-128.

KNIJNIK, JORGE DORFMAN; VASCONCELLOS, ESDRAS GUERREIRO. **Sem impedimento: o coração aberto das mulheres que calçam chuteiras no Brasil. Com a cabeça na ponta da chuteira: ensaios sobre a psicologia do esporte**. São Paulo: Annablume/Ceppe, p. 2-18, 2003.

MARTINS, LEONARDO TAVARES. MORAES, LAURA. **O futebol feminino e sua inserção na mídia: a diferença que faz uma medalha de prata**. Pensar a Prática, v. 10, n. 1, p. 69-82, 2007.

MOURA, JOSÉ ERIBERTO LESSA. **As relações entre lazer, futebol e gênero**. 2003. 125f. Tese (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

MOURÃO, LUDMILA. MOREL, MARCIA. **As narrativas sobre o futebol feminino. O discurso da mídia impressa em campo**. Revista Brasileira de Ciências Deporte, Campinas, v. 26, n. 2, p. 73-86, 2005.

MOURÃO, LUDMILLA. **Representação social da mulher brasileira nas atividades físico desportivas: da segregação à democratização**. Movimento, Porto Alegre, n. 13, p. 5-18, 2000.

OLIVEIRA, ALEX FERNANDES DE. **Origem do futebol na Inglaterra no Brasil**. Revista Brasileira de Futsal e Futebol, Santos - SP, v. 4, n. 13, p. 170-174, nov./2012. Disponível em: <http://www.rbff.com.br/index.php/rbff/article/view/154>. Acesso em: 25 setembro de 2023.

OLIVEIRA, GREICE KELLY. **As aulas de educação física para turmas mistas ou**

separadas por sexo? Uma análise comparativa de aspectos motores e sociais. 1996. 160 f. (folhas). Dissertação (Mestrado em Ciências de Educação Física e Desportos), Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

PAIM, MARIA. **Visões estereotipadas sobre a mulher no esporte.** Buenos Aires: Revista Digital EF y deportes, agosto de 2004, Número 75, Ano 10. Disponível em <http://www.efdeportes.com>. Acesso em: 22 de setembro de 2023.

PIRES, GIOVANI DE LORENZI. **Breve introdução aos processos de apropriação social do fenômeno esporte.** Revista da Educação Física, Maringá, v. 9, n. 1, p. 25-34, 1998.

RAGO, MARGARETH. **Trabalho feminino e sexualidade.** In: História das mulheres no Brasil. 2001. p. 578-606.

REIS, LUCIA COSTA. *Representações da mulher que joga futebol.* Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, 1997. 232 fls.

RINALDI, WILSON. **Futebol: manifestação cultural e ideologização.** Revista da Educação Física/UEM, v. 11, n. 1, p. 167-172, 2000.

ROQUE, LORENA APARECIDA DE OLIVEIRA. **As dificuldades encontradas no futebol de campo feminino no Brasil.** Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia em Educação Física), Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC/Goiás. GOIÂNIA, 2020. 26 f.

SALVINI, LEILA MARCHI JÚNIOR, WANDERLEY. **“Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro.** Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, v. 30, p. 303-311, 2016.

SANTOS, ODAIR DOS e BANDEIRA, TÂNIA. **Futebol e futsal feminino.** Buenos Aires: Revista electrónica Efdeportes.com, Ano 14, número 135, agosto de 2009. Disponível em <http://www.efdeportes.com/futebol-e-futsal-feminino.htm>, Acesso em: 22 de setembro 2023.

SANTOS, RODOLFO. 1984 – **A Obra de George Orwell e as Teorias da Comunicação.** 2008. 1-60 p. Monografia (Bacharel Comunicação Social com habilitação em Jornalismo) - UniCEUB, [S. l.], 2008. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/185252378.pdf>.

SOUZA, MARIA THEREZA OLIVEIRA et al. **Habilidosas e bonitas: as considerações de duas atletas de futebol sobre a formação de suas identidades.** Movimento, v. 23, n. 3, p. 883-894, 2017.

SBRISSIA, HELENA TRAMUJAS. **Futebol e feminismo: as coberturas das Copas do Mundo de Futebol Feminino de 2015 e 2019 pelo Jornal Folha de S. Paulo.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2020.

TEIXEIRA, FÁBIO LUIZ SANTOS. CAMINHA, IRAQUITAN DE OLIVEIRA. **Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática**, revista movimento, porto alegre, v. 19, nº 01, p. 265 – 287, jan/mar 2013.

TRAJANO, RACHELLY WEBSTER et al. **Time amador juvenil de futsal feminino de Barra do Garças-MT: rompendo limitações na construção do gênero mulher.** Conexões, v. 15, n. 1, p. 65-91, 2017.

FUTEBOL FEMININO: UMA PAIXÃO NACIONAL?

Lúcia da Costa Leite Reis

Introdução

A partir da minha vivência de anos no futebol – dos quais 20 anos como atleta – 39 como professora de educação física, e acompanhando de perto a dinâmica da mulher no futebol, observo que a sociedade brasileira ainda não dá o devido reconhecimento à mulher que joga futebol.

Ao final da graduação em educação física, em 1984, não abandonei a prática e a dinâmica da mulher no futebol, continuei a exercitá-lo como forma de lazer. Com o intuito de não me afastar do futebol e dos contextos que o envolvem, passei a estudar as questões biológicas e as questões de gênero que perpassam pela a prática da mulher no futebol.

Como professora de educação física, na faculdade onde me formei, ministrava, de forma extra curricular, aulas e treinos de futebol feminino. Em escolas particulares e escolas públicas onde lecionei e leciono, também obtive aceitação das alunas para a prática do futebol, mas não alcancei a mesma aceitação por parte dos meninos das turmas.

Pelo seu caráter coletivo e de necessidades de respeito mútuo, o futebol se destaca entre os esportes, como um jogo que pode adquirir um teor educativo. E como esporte deve formar seres física e espiritualmente em condições de ocuparem seus postos na sociedade

No Brasil, como prática popular masculina, o futebol é o esporte número um. Mostra um ritual coletivo de densidade cultural, carregado de conexões múltiplas com a realidade brasileira, que se baseia, historicamente, na expressão da masculinidade.

Governos autoritários e conservadores utilizaram o esporte como um instrumento disciplinar de domesticação dos corpos (NOZAKI, 2023).

Ser contra o sexismo não consiste em abolir toda referência ao sexo, mas poder distinguir as situações em que este é importante daqueles que não o é (como no caso do futebol, no qual durante longos anos a mulher foi excluída) e apresentando ainda hoje, diferenciado reconhecimento nacional.

Em tempos democráticos, o esporte se configura como manifestação cultural e esportiva, como um direito social e fator de promoção da saúde e da educação. Se o esporte é um espaço que possibilita o exercício de sociabilidades por que determinadas modalidades, como o

futebol feminino, ao invés de serem incentivadas, foram consideradas, como uma ameaça?

Será o futebol feminino, atualmente, na segunda década do século XXI, no âmbito sócio cultural e econômico, discutido e representado como uma paixão nacional brasileira?

Através da nossa vivência, de nossa investigação e pesquisa, foi possível constatar e compreender que o esporte moderno é um fenômeno social que traz consigo a predominância masculina através dos séculos, mesmo que em muitas situações as atletas tenham saído das zonas de sombra, ainda hoje são recorrentes algumas representações discursivas que acompanham a tendência social que privilegia o patriarcado, demandando um modelo esportivo de cunho machista impregnado de símbolos, crenças mitos e valores discriminatórios (SIMÕES; HATA; DE ROSE; MACEDO, 1996).

Este estudo adota uma perspectiva de gênero na análise do futebol. Procuramos captar e interpretar as representações que dele excluem a mulher.

Algumas representações discursivas faziam a apologia da beleza e da feminilidade como algo a ser preservado, em especial, naquelas modalidades esportivas consideradas como violentas ou prejudiciais a uma suposta natureza feminina, o futebol era uma delas (GOELLNER, 2005).

Para analisar a inserção das mulheres brasileiras no futebol, buscamos evidenciar o contexto sócio cultural que motiva e propicia os estereótipos sociais, enquadrando as pessoas em papéis previamente determinados pelo seu sexo. Compreender a associação entre o esporte, futebol, e a masculinização da mulher atravessa décadas.

Práticas esportivas e o futebol

Na Inglaterra, o rugby e o futebol cresceram paralelamente e com características parecidas. A força e a coragem representadas pelas “caneladas”, demonstravam e estabeleciam uma reputação de “virilidade” no jogo, e como tal, a participação das mulheres era vetada. A identidade masculina representada como arrogante e fisicamente forte e o modelo feminino, na perspectiva masculina, representado como tímido, frágil e dependente.

Esses jogos correspondiam à própria estrutura da sociedade, em que a violência era uma característica da vida cotidiana, observada a favor dos homens. No futebol, a violência em forma de “representação de luta” entre dois grupos reforçava tal ideia.

As regras do futebol e do rugby foram sofrendo contínuas alterações. Em 1822, houve a unificação das regras do futebol e de suas interpretações, através do órgão chamado de *International Board*, que perdura até hoje, com o objetivo de regular as leis do jogo, do mundo todo.

No início do século XIX o futebol começa a ser praticado nas Universidades de grande notoriedade, na Europa, demonstrando uma grande transição do esporte pois, nesta condição, os jogos passaram a se sujeitar a regras mais definidas, com o controle ou até a eliminação das formas mais extremas de violência.

A partir daí, o esporte em geral, particularmente o futebol, passou a ser visto sob o caráter educativo. Sendo praticado por equipes e por clubes. Ao passar do tempo, em 1863, em Lon-

dres, representantes de escolas e clubes, fundaram *The Football Association*, onde elaboraram uma cartilha com a uniformização das regras, demonstrando a execução correta da técnica, favorecendo o futebol técnico em detrimento da prática violenta (ESEFEx, 1995)

Em 1904 é fundada a FIFA (*Federation International de Football Association*) e em 1908 o futebol, masculino, é incorporado aos Jogos Olímpicos. Às mulheres eram sugeridos exercícios e atividades que desenvolvessem os órgãos respiratórios e estimulassem a elegância. No entanto as diferenças fisiológicas e biológicas não impedem a mulher de praticar atividades físicas e esportivas extenuantes e de contato, em particular o futebol.

A mulher e as prática esportivas

A prática esportiva feminina não é novidade deste século nem do passado, no entanto a situação da mulher, contextualizada ao longo da história, nos permite verificar, que ela foi privada da condição de participação nos esportes desde a antiguidade. Apenas em Esparta, ela tinha participação no contexto esportivo, para se preservar enquanto reprodutora. Ela seria uma reprodutora saudável e, portanto, estaria gerando cidadãos saudáveis o suficiente para defender a sua cidade. No entanto, ela era privada da condição específica de competição (atleta).

Com o ressurgimento da Olimpíada na Era Moderna, verificamos também, o renascimento do Ideal Olímpico, do Espírito Olímpico, materializado na figura do Barão Pierre de Coubertin. Mas a mulher continuava sendo privada dessa condição e, em relação às mulheres, ele dizia: “Às mulheres cabe somente, no contexto do esporte, coroar os vencedores, com as coroas do triunfo”. As mesmas só aparecem oficialmente em 1912, nos Jogos Olímpicos de Estocolmo, com algumas modalidades: natação e saltos (LENK, 1992). Somente, a partir de 1960, nos Jogos de Roma, as mulheres começaram a ocupar um espaço mais abrangente (SIMÕES, HATA, DE ROSE, MACEDO, 1996)

Na sociedade brasileira, culturalmente, a exibição da bravura física era considerada de domínio exclusivo do homem. Os padrões da sociedade e da cultura, a ética e a moral, decretavam que a mulher não era capaz fisicamente de realizar atividades extenuantes. Não eram quaisquer atividades que lhes eram recomendadas e o futebol, designado como muito violento para a conformação corporal feminina, caracterizava-se como uma delas. Apenas as práticas mais passivas e que acentuavam a beleza física eram permitidas.

O contexto biológico interpretado pela sociedade, em relação à mulher, ao longo da história, também contribuiu de forma retrógrada, negativa, para o acesso das mulheres às diversas atividades, já que cada tipo de sociedade caminha com uma visão distinta de se entender o corpo e o comportamento social das mulheres. Elas eram vistas e julgadas, não pelo seu talento, mas pelo seu estado civil, sexualidade, moralidade e por seus atributos físicos (IN-DESP, 1999). Segundo os escritos de Araújo (1997):

Das leis do Estado e da Igreja, com frequência bastante duras, à vigilância inquieta dos pais, irmãos, tios, tutores, e à coerção informal, mas forte, de velhos costumes misóginos, tudo confluía para o mesmo objetivo: abafar a sexualidade feminina que, ao rebentar as armas, ameaçava o equilíbrio doméstico, a segurança do grupo social e a própria ordem das instituições civis e ecléticas. (...) O fundamento escolhido para justificar a repressão da mulher era simples: o homem era superior, e, portanto, cabia a ele exercer autoridade.

Segundo Dunning, “em qualquer sociedade, quanto mais acentuadas as formas de domínio masculino, maior será a tendência para prevalecer a rigorosa segregação entre os sexos”. E acrescenta: “o jogo de futebol é a representação de um confronto que se baseia, no fundamental, na expressão da masculinidade (...); e a reduzida presença da mulher no futebol reflete a hierarquia do sexismo imposto pela ordem social (ELIAS; DUNNING, 1992).

Sobre a obra de Paiva (1993), podemos constatar que os estereótipos sobre o comportamento das mulheres e dos homens têm haver com os estereótipos que dizem respeito à “natureza feminina”: emotivas, irracionais e pouco seguras de si e à “natureza masculina”, com características mais objetivas: racionais, falas mais altas e com segurança.

Apesar da constatação da presença de tabus, crenças, mitos e valores criados em torno da presença feminina nas atividades práticas e esportivas, o século XX inicia com algumas mudanças. A concepção de esporte, como atividade exclusivamente masculina, começa a sofrer alterações com a participação de mulheres em esporte de alta performance. Nos Jogos Olímpicos de Paris, em 1990, as provas femininas reaparecem, com a inclusão de algumas modalidades: tênis, arco e flecha e golfe, incluindo apenas 11 participantes, embora, inferior à participação masculina.

O século XX marca a evolução da condição da mulher na sociedade. Ela começa a ganhar o seu espaço no esporte, através das práticas individuais (principalmente no tênis e na natação), pois essas modalidades não demandavam força física, contato físico, ou risco, que são características masculinas, construídas culturalmente através dos tempos.

Ao longo da história, da presença da mulher nos esportes competitivos, várias atletas foram confundidas com homens por causa do corpo pesado, grande, forte e de formas masculinizadas. A imagem dessas atletas ajudava a alimentar a ideia errada de que todas as mulheres interessadas em esporte, eram homossexuais ou, a de que, quando não eram, ficavam.

Processos discriminatórios e opressores na educação física e nos esportes vêm sendo constantemente experimentados por muitos anos em nossa sociedade. Privilégios pra uns e obstáculos para outros têm estabelecido os limites de participação.

Como encontrado nos estudos de Faria Junior (1995), neste contexto histórico, a educação física, através do reforço da masculinidade e da feminilidade, funcionava como agente determinante na reprodução da divisão sexual do trabalho. Podemos entender que a relação entre capitalismo e patriarcado se torna um tema a ser discutido nas análises contemporâneas.

Em 1979, com as normas da ONU (Organização das Nações Unidas), que dizem respeito

à Convenção para a Eliminação da Discriminação contra a Mulher, no art. 10 (III parte), a situação começa a ter um olhar diferente, pois a discriminação contra as mulheres deve ser eliminada tanto no âmbito educacional como esportivo: sendo assim, o conceito estereotipado de práticas ativas associadas ao sexo masculino e de atividades passivas vinculadas ao sexo feminino, devem ser vistos de forma diferente: “oportunidades idênticas para participarem ativamente em desportos e na educação física” (TOSCANO, 1995).

Observamos o grande crescimento da participação das mulheres nas atividades sócio esportivas no decorrer do século XX, já que no seu início a participação feminina era bastante insignificante, numericamente. Não podemos negar o crescimento quantitativo e qualitativo da participação da mulher nas atividades práticas e esportivas, no início do século XXI, mas a proporção em que elas são oferecidas para os homens e para as mulheres ainda é diferente.

Até bem pouco tempo, o futebol mantinha a representação da identidade do homem brasileiro e se tornava redundante colocar o adjetivo masculino à palavra “futebol”, já que trazia em si, a própria ideia de homem. No entanto, novas orientações na estruturação dos papéis de ambos os sexos nessa prática esportiva, estão se desenhando (INDESP, 1999).

A mulher e o futebol feminino no Brasil

O registro conhecido e mais antigo sobre partidas de futebol praticado por mulheres foi, em 1894, do I Clube Desportivo Britânico chamado Ladies Football Club, fundado pela ativista dos Direitos da Mulher, Nattalie Honeyball. Em 1898, em Londres, aconteceu uma partida entre Inglaterra e Escócia. Durante a I Guerra Mundial, a prática era comum entre as esposas dos soldados que estavam em combate (COMO [...], 2019).

No Brasil, a prática de futebol por mulheres, provavelmente, também teve a influência europeia. As primeiras partidas de futebol, disputadas por mulheres, que se têm referência, surgiram nos anos 20. Em 1921, foi disputada a primeira partida oficial de futebol para mulheres, na Zona Norte de São Paulo: Paulistas contra Catarinenses.

Na década de 30, os registros de jornais (O Globo, 1930) mostram a tímida prática, no Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Norte. Prática tímida, representada como performance, como show, no Circo Irmãos Queirolo. No Rio de Janeiro, era representado com as moças do “bello sexo”, como descrito na época, vestidas de Brasil e outras vestidas de Uruguai.

Em outros momentos as moças do Curityba F.C. versos C. Atlético Paranaense também se apresentaram no Circo.

Registros veiculados na Revista da época, A Cigarra (1926), retrata o sucesso dos torneios curtos, que duravam um final de semana, e mostrava os espaços que o futebol entre mulheres, mesmo que representado de forma alegórica, encontrava para aparecer na década de 20 (PRIMÓRDIOS... [...], 2020).

Até 1940, o esporte era realizado pelas mulheres, nas periferias, fora dos clubes ou ligas. Tal prática era considerada violenta e, por isso, recomendada apenas para os homens.

Após esta década, o cenário sofreu tímidas modificações: a prática vista, apenas, nas periferias, foi vista no Estádio do Pacaembu, em SP. Situação que demonstrou maior visibilidade da modalidade, causando, por isso mesmo, revolta em parte da sociedade, provocando esforços da opinião pública e de autoridades, para a proibição da prática do futebol pelas mulheres, na época.

A primeira proibição ocorreu através da regulamentação do esporte no Brasil com a criação do CND (Conselho Nacional dos Desportos) sob a competência do Ministério da Educação, cujo assistente técnico, Iguesil Marinho, declarou: “Pé de mulher não foi feito p’ra se metter em shootearas!” (COMO [...], 2019, 2min10s).

O CND foi o órgão administrativo voltado para os esportes criado pelo Decreto-Lei n. 3.199/41. A Lei 6251/1975 firmava o CND como a última instância no esporte brasileiro. As federações não tinham autonomia para dar a última palavra em questões jurídicas sem o aval do CND. O órgão foi responsável pela regulação e regulamentação de todos os esportes e suas respectivas federações e confederações no Brasil.

O Decreto-Lei n.º 3 199, de 14 de abril de 1941, foi um decreto-lei brasileiro baixado pelo então presidente Getúlio Vargas que estabeleceu as bases de organização dos desportos em todo o Brasil. Porém, este decreto-lei tornou-se amplamente conhecido, por limitar as modalidades esportivas liberadas para as mulheres, dificultando, assim, a prática feminina do desporto no Brasil: art. 54 “Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos de Desportos (CND) baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país” (BRASIL, 1941)

Com a criação do CND debates sobre a profissionalização e o amadorismo no esporte, começam a se intensificar. A temática sobre os esportes femininos se tornou uma demanda neste órgão.

Mesmo com este decreto-lei em vigor, em 1958, o Araguari Atlético Clube, de Minas Gerais, fundado em 1944, considerado o Primeiro Clube do Brasil a formar um time de futebol feminino, selecionou moças para um jogo beneficente, para ajudar em um projeto escolar. O sucesso foi tão grande que uma matéria de capa foi realizada pela revista O Cruzeiro. A repercussão foi tanta que outros jogos do time feminino foram realizados em outras cidades. Por pressão da opinião pública e de religiosos de Minas Gerais, em meados de 1959, o time de futebol feminino de Araguari, foi desfeito (MULHERE-SE [...], 2020).

Neste mesmo ano, no mês de agosto, foi publicada no Jornal dos Sports, no Rio de Janeiro, uma matéria intitulada: “*Mulheres de chuteira correm mundo: objetivo é o Brasil*” (FARIA JUNIOR, 1995):

A delegação inglesa veio integrada por dois conjuntos de primeira classe – um do Corinthians e outro do Nomands (...), marcaram época na capital portuguesa. Agora – afirma Herdeiro – elas pensam em visitar o Brasil. (...) A informação de que o caminho estaria aberto, levou-as a pensar num duelo com as cariocas... (...) não se importariam em jogar entre si. O que elas aspiram, acima de tudo, é demonstrar como o football evoluiu na Europa.

Ainda nesta década, vedetes cariocas (Conchita Mascarenhas, Iolanda, Janete e mais algumas) e paulistas, (Isa Rodrigues entre outras), disputam no Estádio do Pacaembu, em São Paulo e no Estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro, partidas de futebol. Assim foram veiculadas as matérias nos jornais Jornal dos Sports em 1959: “*Vedetes cariocas preparadas para a revanche com as paulistas*”, “*Vedetes cariocas – 2x0.*”

Na década de 1960, a Equipe Canarinhos da Ilha do Governador, no Rio de Janeiro, também atua na ilegalidade, mas, de forma clandestina. O mesmo acontece com outras equipes em outros estados brasileiros.

De forma crescente, a televisão começa a atingir o público feminino com as imagens do futebol e, na época da Copa do Mundo de Futebol, em 1962, a presença feminina assistindo ao futebol, aumenta consideravelmente.

Em 1965, durante o governo e a ditadura militar, a Deliberação n.º 7, assinada pelo General Eloy Massey Oliveira de Menezes, presidente do Conselho Nacional de Desportos, delimita a linha que segregava o esporte feminino brasileiro, citando especificamente a proibição do futebol para mulheres: “ Não é permitida às mulheres a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, polo aquático, polo, rugby, halterofilismo e baseball” (BRASIL, 1965).

A proibição resultou em um enorme atraso no desenvolvimento da modalidade feminina no país.

Apenas no final da década de 70, no ano de 1979, foi revogado o decreto-lei que proibia a prática do futebol para mulheres. Na prática não houve mudanças efetivas, o futebol feminino não recebeu incentivos e nem estímulos de clubes ou federações.

A Deliberação nº 10/79, que no seu último artigo decretava: “A presente Deliberação entrará em vigor na data de sua publicação, revogada a Deliberação número 07/65” (BRASIL, 1979). E é neste confuso argumento que o futebol de mulheres deixa de ser proibido, mas se mantém de forma clandestina. Apesar de todos os entraves e desafios é publicada no Diário Oficial da União, em 11 de abril de 1983, a Deliberação nº 01/83 do Conselho Nacional de Desportos (BRASIL, 1983). No entanto, conforme o Art. 1º da deliberação, o futebol feminino poderia ser praticado no âmbito do “desporto comunitário”. As mulheres poderiam jogar bola para diversão, como entretenimento próprio, porém, não estariam permitidas jogarem nos mesmos campos dos profissionais (masculinos).

O Art. 3º merece um destaque significativo: “é vedada, no futebol feminino, a prática do profissionalismo”. O artigo concretiza as concepções apresentadas anteriormente pelos dirigentes: o futebol poderia ser praticado pelas mulheres, agora, inclusive, ligados às federações e regulamentado, contudo, elas não poderiam ser profissionais (BRASIL, 1979).

O futebol de mulheres faz parte da efervescência social brasileira durante a transição democrática, de toda mobilização política e cultural e do engajamento de mulheres e de grupos feministas em torno de suas demandas. A participação do futebol de mulheres nesse contexto possui pauta própria: a regulamentação da modalidade. Almeida (2018) utiliza a expressão

“Anistia ao Futebol Feminino” para caracterizar a luta pela regulamentação.

No Brasil os professores de educação física também foram influenciados, durante tempos, pela Teoria do Dimorfismo Sexual, isto é, diferenças morfológicas entre indivíduos da mesma espécie, porém de sexo diferente. Esta teoria também serviu como base para a proibição da prática do futebol pelas mulheres, nas aulas, tanto pelo seu cunho biológico, como por fornecer elementos para resistência ao controle social (FARIA JUNIOR, 1995)

Somente na gestão do doutor Manoel José Gomes Tubino, através da Recomendação do CND 02/1986, reconheceu-se a necessidade de estímulo à participação da mulher nas diversas modalidades desportivas do país, inclusive de forma profissional (BRASIL. CND. Recomendação 02/1986).

Em Pernambuco, realizou-se em 1980 o I Congresso Estadual de Futebol Feminino, com mais de vinte equipes participantes de futebol de campo ou salão. O objetivo do Congresso era proporcionar a organização de uma estrutura administrativa e funcional para o futebol feminino local, além de discutir a portaria que proibia a prática do esporte para as mulheres, e buscar o estabelecimento de normas e critérios para a prática do futebol feminino.

O futebol de mulheres em Pernambuco, na década de 1980, passou a ser regionalizado e divulgado pelos próprios clubes. Remetendo ao Sport Club do Recife, durante a celebração dos seus 75 anos, o clube organizou uma caravana que levou as jogadoras do Coração de Leão para realizar uma partida que antecedeu o jogo do time principal contra o Central, em Caruaru. Este seria o primeiro jogo feminino na cidade do Agreste (O futebol, 1980).

O futebol de mulheres em Minas Gerais era uma realidade e lutava pela sua consolidação. A revista Manchete ainda afirma que os times mais envolvidos na luta pela “legalização do esporte” eram: Camisa 12, Racing Futebol Clube, CSF, Onze Corações, Bandeirantes e Panterloco. O Camisa 12 chegou a fazer um amistoso com o Esporte Clube Radar, do Rio de Janeiro. Sônia, do Camisa 12, demonstrou confiança na regulamentação naquele contexto: “temos mais força e apoio” (MULHERES, 1982).

Com a abertura política do fim dos anos 1980, a ascensão dos movimentos sociais, a entrada em cena dos levantes feministas e de uma série de outras alterações no contexto pós-ditadura militar (1964-1985), a paisagem urbana da Cidade do Rio de Janeiro foi se modificando. As mulheres ocuparam espaços outrora proibidos, e o futebol fez parte desse processo. Se manteve nas periferias, mas também invadiu as praias da zona sul. O futebol disputado nas praias de Copacabana se tornou um atrativo, mobilizando atletas e público que passaram a lotar a orla para ver as jogadoras em ação.

Nos primeiros anos da década de 80 surgem vários times femininos, alguns clubes criam suas equipes e alguns campeonatos femininos adquirem visibilidade no calendário esportivo nacional. Em 1981, foi fundada a Liga de Futebol de Praia Feminino do Rio de Janeiro com a realização de um evento. Logo, o Esporte Clube Radar (RADAR), do Rio de Janeiro, fundou o primeiro time feminino do clube. O começo foi na praia e o time já contava com patrocínios.

Em 1982 surgiu, no campo, o maior clube brasileiro de futebol feminino – Esporte Clube

Radar (RADAR). Já neste ano, a equipe do RADAR realizou uma excursão com cunho competitivo, para Europa (Espanha).

Somente em abril de 1983, a modalidade de futebol feminino foi regulamentada e reconhecido como esporte, no Diário Oficial da União, no Brasil, através de uma resolução do Conselho Nacional de Desportos (MOREL & SALES, 2005, p.262), podendo haver competições oficiais, a criação de calendários, a utilização de estádios para competição e a inserção do futebol feminino na área educacional (nas escolas).

Neste mesmo ano, em 1983, acontece o 1º Campeonato Carioca da Futebol de Campo bem como o “Coppertone Copacabana Beach”, evento que reuniu quatorze clubes, inclusive equipes internacionais da França, Portugal e Espanha.

Ainda em 1983, o E.C. RADAR participou de uma excursão pelo Chile e pelos Estados Unidos das Américas (EUA), vencendo a Seleção Chilena e a Competição nos EUA.

Em 1985 o SAAD ESPORTE CLUBE, fundado em 1961, em São Paulo, abre as portas para o Futebol Feminino.

Em 1988, na China, a FIFA realizou o Mundial de Futebol Feminino, com caráter experimental, comparecendo 12 (doze) seleções. O Esporte Clube Radar foi a equipe representante do Brasil.

Em 1991, a Seleção Brasileira, tendo como base o RADAR, participou da 1ª Copa do Mundo FIFA de Futebol Feminino e em 1996, a primeira participação do futebol feminino brasileiro em Olimpíadas – Olimpíadas de Atlanta – ficando em quarto lugar. Outros títulos também foram conquistados pela Seleção Brasileira de Futebol Feminino: Tri campeã no 30. Campeonato Sul Americano (Argentina, 1998); 30. lugar no 30. Campeonato Mundial (Estados Unidos, 1999); 40. lugar nas Olimpíadas de Sidney (Austrália, 2000), Tetra Campeã no 40. Campeonato Sul Americano (República Dominicana, 2002) e 20. lugar nas Olimpíadas de Atenas (2004).

Atualmente é nona colocada no ranking da FIFA e seu último título foi em 2022, na Copa América, vencendo também 1991, 1995, 1998, 2003, 2010, 2014 e 2018 e 3 medalhas de ouro (2003, 2007 e 2015) em Pan-Americano.

Desde o final dos anos 90 a seleção brasileira feminina de futebol vem avançando e marcando sua história. Não há dúvidas que o número de mulheres praticantes de futebol em clubes, escolas e em áreas de lazer aumentou se comparado à década anterior. Mas a modalidade ainda é vista como amadora e secundária em relação ao futebol masculino (ESPORTE... [...] 2019).

Na atualidade, as mulheres competem em quase todos os níveis e modalidades esportivas, inclusive no futebol, mas não quer dizer que a sua participação ativa neste contexto não continue sendo motivo de questionamentos, nem que ela seja plena e pacificamente aceita no ambiente dos esportes.

Considerações finais

Com a evolução feminina na sociedade, a participação da mulher no esporte de rendimento na atualidade é um fato; porém, as atletas, por estarem envolvidas nestes ideais de beleza que percorrem o imaginário social, por tentarem se encaixar nos padrões exigidos por uma sociedade que insiste em priorizar outros quesitos que não aqueles indispensáveis para o rendimento esportivo, parecem se esforçar ao máximo para cumprirem com estas exigências.

O que percebemos é que, se há algum tempo os preconceitos versavam sobre a fragilidade e a incapacidade do corpo feminino em praticar diversas modalidades esportivas, em especial o futebol, atualmente há uma dificuldade em lidar com o corpo atlético da mulher, o qual nem sempre pode, ou quer, corresponder a padrões sociais de beleza. O futebol parece se manter, historicamente, preso a armadilhas.

O futebol tem um papel social muito importante, mas que muitas vezes não é visto assim pela população em geral e por vezes, por jornalistas, repórteres e educadores. Mas sim, apenas, como ópio do povo. Como esporte não deve ser só apenas entretenimento e diversão; deve ser visto como um lugar de discussão de contextos sócio culturais latentes no Brasil, e no Mundo, como verificado no documentário “Lutar por um futebol mais social, mais cultural, mais histórico e que está além das 4 linhas.” (SARAIVA, 2022)

Fatores biológicos, médicos e socioculturais têm um envolvimento significativo para os critérios conceituais da mulher no futebol. Levando estes aspectos em consideração, devemos ampliar a discussão. Pois, por um lado, o fato de a mulher participar de esportes (amador, profissional ou competitivo) pode ser encarado como uma realidade social, mas, já que os mitos, as crenças e os valores socioculturais são parte integrante desse processo, a participação feminina no futebol pode ser considerada uma anomalia social, já que os conteúdos que condicionam os indivíduos no seu desenvolvimento, seguem vigentes (INDESP, 1999)

A busca pela visibilidade e igualdade no futebol feminino é algo que precisa ser constante. Mesmo quando existe uma conquista, a dificuldade em obter igualdade de condições é visível. É somente com o conhecimento da história e da historicidade dessa modalidade, de suas proibições e permanências, que poderemos ampliar a luta por respeito e igualdade no futebol.

Como visto no documentário GONDWANA, A bola conecta (2021), acreditamos que entender e vivenciar o futebol é; ver e vivenciar que o futebol se torna o “jogo brincadeira” mais acessível entre crianças e adolescentes, porque a bola é o objeto que está ao alcance e se joga em qualquer espaço. Os esportes em geral e, o futebol em particular, devem estar inseridos nos contextos femininos: educacionais, esportivos, profissional, de lazer e qualquer outro, sem preconceitos e discriminação visto que a mulher é parte integrante da sociedade e como tal deve buscar satisfazer suas necessidades e aspirações em todos os contextos.

O conceito, tradicionalmente, preconcebido, pela sociedade brasileira, de que o “futebol é coisa pra macho”, vem sendo remodelado e (re)construído através do tempo. Novas perspectivas de inserção da mulher no futebol, vêm sendo conquistadas.

Acreditamos ser fundamental, para que o futebol feminino no Brasil evolua e se consolide de forma concreta, sem preconceito e sem discriminação, uma divulgação maior, mais efetiva e de maior qualidade, seja feita sem falsos moralismos.

No entanto, estamos conscientes que oportunidades idênticas para participarem ativamente de esportes, do futebol em especial, de aulas de educação física e de um tratamento de igualdade entre os dois gêneros, por si só não eliminarão as desigualdades existentes. Estas, provavelmente, continuarão presentes na perpetuação dos estereótipos sexistas em diferentes contextos e tratamento dado às mulheres. Apenas após uma longa tradição histórica, com mudanças na superestrutura sócio cultural, possibilitará ao futebol feminino, atingir a tão almejada paixão nacional.

Referências

ALMEIDA, Caroline Soares de. **Do sonho ao possível: projeto e campo de possibilidades nas carreiras profissionais de futebolistas brasileiras**, p. 103-4, 2018.

Apresentação de futebol feminino no Circo Irmãos Queirolo. Revista A Cigarra/Arquivo Público do Estado de São Paulo. Edição 00272 (1), Ano 1926. Disponível em: <https://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=003085&pagfis=9844>.

ARAÚJO, Emanuel. **A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia**. In: DEL PRIORE, Mary. História das mulheres brasileiras. São Paulo: Contexto, 1997.

BRASIL, Decreto-lei n. 3.199, de 14 de abril de 1941. **Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país**. Disponível em <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=152593>.

BRASIL. Deliberação CND nº 7/1965, 02 ago. 1965. **Baixa instruções às Entidades Desportivas do país sobre a prática de desportos pelas mulheres** apud SILVA. Narrativas sobre o futebol feminino na imprensa paulista: entre a proibição e a regulamentação (1965-1983), 2015, p. 37.

BRASIL. Deliberação CND nº 01/1983, 25 mar. 1983.

BRASIL. Deliberação CND nº 10/1979, 21 dez. 1979

COMO começou o futebol feminino no Brasil? - História das coisas #16. [S.l.:s.n.], 2019. 1 vídeo (7min). Publicado pelo canal [TVHistoriante](https://www.youtube.com/watch?v=MjS2hwPIySA). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MjS2hwPIySA>.

ESPORTE Espetacular 19/05/19 Futebol Feminino – Pioneiras. [S.l.:s.n.], 2019. 1 vídeo 12min. Publicado pelo canal Ingrid Silva. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8G-NpEmuTGUw>.

ELIAS, Norbert, DUNNING, Eric. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO EXÉRCITO. **Manual de futebol**. Rio de Janeiro, 1995.

FARIA JUNIOR, Alfredo G. de. Futebol, questões de gênero e co-educação: algumas considerações didáticas sob enfoque multicultural Pesquisa de Campo nº2: Futebol e Cultura

Brasileira. Rio de Janeiro. 2:17-39, 1995.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades**. Rev. bras. Educ. Fís. Esp., São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Mulheres e futebol no Brasil: descontinuidades, resistências e resiliências**. Movimento. Revista de Educação Física da UFRGS- 2021.

GONDWANA, **A bola conecta**. Direção: Mônica Saraiva da Silva. Brasil. 2021. HD.

JOGADEIRAS. Futebol de mulheres no Brasil. O futebol para as mulheres e a classe amadora. <https://webjornalismo.unicap.br/futebol-feminino/o-surgimento-de-times-femininos-em-pernambuco-nos-anos-1980/>. Diário da Tarde, Curitiba, 29 dez. 1980, p. 7

Jornal dos Sports. Rio de Janeiro, 30 de agosto de 1959.

Jornal dos Sports. Rio de Janeiro, 01 de setembro de 1959.

Jornal O Globo. Rio de Janeiro, 26 de novembro de 1930.

LENK, Maria. A mulher no esporte: ignorada na Grécia antiga e respeitada no presente. Revista Olímpica Brasileira. Rio de Janeiro. 1(1):4-12, 1992.

MOREL, M.; SALLES, J.G.C. Futebol feminino. In: Da COSTA, L.P. (Ed.). Atlas do esporte no Brasil: atlas do esporte, educação física, atividades físicas de saúde e lazer no Brasil. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

MULHERE-SE | Esquema Tático - Ep.01: Preleção. [S.l.:s.n.], 2020. 1 vídeo (23min). Publicado pelo canal Mulherese. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fWJE4XpVj7E..>. Acesso em 06 set. 2023.

MULHERES no futebol: de olho na Copa. Revista Manchete, Rio de Janeiro 15 dez. 1982

NOZAKI, Tharcila Damaceno. **O futebol de machismo, do racismo e da sonegação é uma paixão nacional?** 2023. www.brasil247.com,

PAIVA, V. Evas, Marias, Liliths... **As voltas do feminino**. São Paulo: Editora brasiliense, 1993.

PRIMÓRDIOS da história do futebol feminino no Brasil e no mundo - Mulhere-se. [S.l.:s.n.], 2020. 1 vídeo (5min) Publicado pelo canal Rede Minas. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Zx33jLCbDHg&t=224s>. Acesso em: 06 set. 2023

RAGO, Margareth. **Trabalho feminino e sexualidade**. In: Del Priore, Mary (org.) Histórias das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, p. 584, 1997.

SARAIVA, Monica. Vai ter mulher falando de futebol, sim! Futebol está além das 4 linhas. <https://nosmulheresdaperiferia.com.br/vai-ter-mulher-falando-de-futebol-sim-futebol-esta-alem-das-4-linhas/>. Nós, Mulheres da Periferia, São Paulo, 25 out. 2022.

SIMÕES, Antônio Carlos, HATA, Mário, DE ROSE, Júnior, Dante, MACEDO, Líbia Lender. **O Ajustamento social da mulher ao esporte de competição**. Revista **Treinamento Desportivo**. São Paulo. v. 1, n. 1, p. 73-83, 1996.

TOSCANO, Moema. **Igualdade na escola: preconceitos sexuais na educação**. Rio de Janeiro: CEDIM, 1995.

I Prêmio INDESP de literatura desportiva. – Brasília: Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto, 1999.

SOBRE OS AUTORES

Alexandre Palma

Doutor em Saúde Pública pela ENSP/FIOCRUZ

Universidade Federal do Rio de Janeiro

palma_alexandre@yahoo.com.br

Possui graduação em Educação Física pela Universidade Gama Filho (1986), mestrado em Educação Física pela Universidade Gama Filho (1995), doutorado em Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz (2002) e estágio de pós-doutorado no Instituto de Psiquiatria (IPUB) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (2005) e no Programa de Pós-graduação em Ciências do Exercício e do Esporte da Universidade Gama Filho (2014). Atualmente, é professor associado da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde leciona na Escola de Educação Física e Desportos.

Edimilson Lyra de Souza

Bacharel em Educação Física

Rio de Janeiro

edilyra@gmail.com

É graduado como Bacharel em Educação Física pela Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (EEFD/ UFRJ). Estuda as relações entre as DCNTs e o estabelecimento de uma rotina diária de treino, através do processo de reeducação física.

Lúcia da Costa Leite Reis

Mestrado em Educação Física /Universidade Gama Filho

Secretaria Municipal de Educação/RJ

lucialeitereis@gmail.com

Ex-atleta de futebol no Rio de Janeiro na década de 80. Conhecida como Lucinha, participei de Campeonatos, na Praia de Copacabana e em Campo Oficial, defendendo as equipes: América Football Club e Esporte Clube Radar. Meu interesse e minha motivação pela dinâmica da mulher no futebol são tão fortes, que não deixaram que eu abandonasse, dentro ou fora dos campos, os estudos, as pesquisas e a diversão. Não querendo me afastar do contexto do futebol feminino, em 1985 ingressei no Curso de Pós-Graduação “Lato-Sensu”, em Ciência do Treinamento Desportivo, na Universidade Gama Filho, com o objetivo de adquirir maiores conhecimentos a respeito da preparação física, técnica, tática e psicológica, da atleta (mulher). Em 1987, em busca de conhecimentos mais específicos a respeito da mulher no futebol, ingressei no Curso de Pós-Graduação em Ciência e Técnica do Futebol, a nível de especialização. Era a única mulher matriculada no curso e, por isso, passei a ser a primeira mulher diplomada em técnica de futebol no Brasil. Continuando as investigações sobre o tema, em 1997 finalizei o Mestrado, com a dissertação: “A mulher que joga futebol: um chute no preconceito”. Como

professora de Educação Física, ministrei aulas de futebol no Colégio Gama Filho (anos 80 e 90) e na Universidade (UGF) de forma extracurricular. Fui professora curricular no Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM) por 20 anos (anos 2000), em diversas disciplinas e atualmente, ministro aulas de educação física escolar pela Secretaria Municipal de Educação, no Rio de Janeiro e sou atuante em trabalhos voluntários ao incentivo do futebol feminino.

Jefferson Campos Lopes

Doutor em Ciências do desporto – Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro

Uniassevi

jeffted@uol.com.br

Professor universitário – Faculdade de tecnologia - FATEF e supervisor de disciplinas – EAD – UNIASSELVI, Autor de 16 livros, 66 artigos, 20 capítulos de livros, revisor em 03 revistas científica e Assessor parlamentar.

Juliana Santos do Nascimento Freitas de Brito

Bacharel em educação física – UFRJ

Juliana Santos do Nascimento Freitas de Brito é graduanda em educação física, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ desde 2019, e finalizará o curso em 2024. Por se identificar com os esportes desde a infância, em especial futebol e handebol, iniciou seus estudos na Universidade Estácio de Sá no ano de 2018 e em seguida passou para a UFRJ. No período da graduação, estagiou com futevôlei, musculação e natação infantil. Além disso, teve uma curta passagem pelo futebol na ACM (Associação Cristã de Moços).

Leonardo Cardoso Corrêa

Bacharel - Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

leoccorreia85@gmail.com

Bacharel em Educação Física pela Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Dedicar-se a iniciação e desenvolvimento de jovens atletas de futebol.

Marco Antonio Ferreira dos Santos

Mestre em educação física – UFRJ

Professor substituto no departamento de jogos da Escola de Educação Física e desportos da UFRJ. Atua na linha de pesquisa de rendimento físico-esportivo com ênfase em análise técnica e tática, é especialista em gestão de negócios esportivos e faixa preta de jiu-jitsu brasileiro.

Pedro Henrique Magalhães do Nascimento

Mestrando em Ciências da Educação – Institute Theology and Science – Flórida

Centro Educacional Sesi

pedrohmagalhaes0908@gmail.com

Professor de educação física do Centro Educacional Sesi - SP e Secretaria do estado de São Paulo, possui diversos cursos de especialização na área da educação e mestrando no curso de ciências da educação, além disso é pesquisador com linha de pesquisa voltado a formação de professores e estratégias pedagógicas de ensino.

Rafael Lecce de Souza

Bacharel em educação física – UFRJ

Rafael Lecce de Souza é bacharel em educação física, pela UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro) desde 2023. Rafael ingressou na UFRJ por ser uma pessoa que se identifica com o esporte, em específico o futebol. No período de sua graduação, trabalhou como auxiliar técnico na escolinha de futebol do PSG-ACADEMY e na categoria sub 11 de futsal da ARFAB (Associação Recreativa do Funcionários da Atlântica Bradesco), além de estagiar no clube ACM (Associação Cristã de Moços).

SOBRE OS ORGANIZADORES

Carlos Eduardo Rafael de Andrade Ferrari

Doutor em Ciências do Desporto (Universidade do Porto – Portugal)

Professor Adjunto e Pesquisador da Universidade de Vassouras

carlos.ferrari@univassouras.edu.br

Carlos Ferrari é doutor, aprovado por unanimidade, nota máxima, membro pesquisador do Centro de Investigação, Formação, Inovação e Intervenção em Desporto, pela Universidade do Porto (UP / FADEUP / PORTUGAL) com reconhecimento pela Universidade de São Paulo (USP / BRASIL); mestre em Ciências da Atividade Física, membro pesquisador do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Ciências da Atividade Física, pela Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO / PPGCAF / BRASIL); bacharel em Educação Física pelo Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM / BRASIL); licenciado em Educação Física pelo Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM / BRASIL). Carlos Ferrari é um dos idealizadores do Projeto Educação nos Valores Olímpicos, aprovado pela Direção-Geral da Educação (DGE), que conta com o apoio do Comitê Olímpico de Portugal (COP), da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto (FADEUP), Teach for Portugal e do Centro de Formação de Associação de Escolas (CFAE) Guilhermina Suggia. (Decreto-Lei n. 55/2018 - Portaria n. 181/2019 de 11 de junho). Carlos Ferrari tem experiência na área de Educação Física, atuando principalmente nos seguintes temas: Educação Física escolar (EFes); projetos - esportivos - sociais; esporte educacional e inclusão; processo ensino-aprendizagem; docência; discência; violência e Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs). Atualmente, Carlos Ferrari é Professor Adjunto I da Universidade de Vassouras, Campus Saquarema, lecionando notadamente nas seguintes disciplinas: Sociologia, Antropologia e Aspectos Filosóficos da Educação Física, História da Educação Física e Teorias e Práticas do Lazer e Recreação.

Rafael Carvalho da Silva Mocarzel

Doutor em Ciências do Desporto (Universidade do Porto – Portugal)

Professor Adjunto e Pesquisador da Universidade de Vassouras

professormocarzel@gmail.com

Doutorado em Ciências do Desporto na Universidade do Porto (UP / Portugal); Mestrado em Ciências da Atividade Física e Licenciatura Plena em Educação Física (UNIVERSO / Brasil); Especialização (Lato Sensu) em Acupuntura (ANHANGUERA / Brasil). Professor (Faixa Preta) em 6 estilos de Kung-Fu (Garra de Águia, Tai Chi Chuan, Shuai Jiao, Sanda/Sanshou e Wushu Moderno: Norte & Sul). Instrutor de Pilates e Dança (zouk e forró/xote). Atua também com Terapias Holísticas e Massagens. Atualmente estuda as Artes Marciais em suas diversas áreas de atuação, o Olimpismo, a Filosofia e Sociologia dos Esportes, os Jogos e eSports, História do Desporto, Terapias Holísticas e Práticas Integrativas Complementares em Saúde (PICS). Autor de livros, capítulos de livros e artigos (nacionais e internacionais). Membro da Câmara

de Lutas e Artes Marciais e da Comissão de Professores de Niterói e Adjacências do CREF-1. Fundador e Ex-Presidente da Associação de Kung-Fu Shaolin de Niterói (AKSN). Ex-Diretor da Federação de Kung-Fu do Estado do Rio de Janeiro (FKFERJ). Docente em academias há mais de 20 anos. Terapeuta holístico há mais de 15 anos. Pesquisador e docente universitário há mais de 10 anos.



UNIVASSOURAS